



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO - DEJOR
CURSO DE JORNALISMO**



THAIS MARIA DA SILVA

ENTREVISTA:

**um estudo sobre o uso da comunicação não verbal no jornalismo a partir de Laerte
Coutinho no Roda Viva**

Monografia

Mariana

2021

THAIS MARIA DA SILVA

ENTREVISTA:

**um estudo sobre o uso da comunicação não verbal no jornalismo a partir de Laerte
Coutinho no Roda Viva**

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Hila Bernadete Silva Rodrigues

Mariana

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586e Silva, Thais Maria Da .
Entrevista [manuscrito]: um estudo sobre o uso da comunicação não verbal no jornalismo a partir de Laerte Coutinho no Roda Viva. / Thais Maria Da Silva. - 2021.
68 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Hila Bernadete Silva Rodrigues.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Coutinho, Laerte. 2. Entrevistas. 3. Comunicação, Comunicação Não-Verbal. I. Rodrigues, Hila Bernadete Silva. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.77



FOLHA DE APROVAÇÃO

Thais Maria da Silva

Entrevista: um estudo sobre o uso da comunicação não verbal no Jornalismo a partir de Laerte Coutinho no Roda Viva

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 27 de abril de 2021

Membros da banca

Profª Drª Hila Bernardete Silva Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr(a). Lara Linhalis Guimarães - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr(a). Evandro José Medeiros Laia - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Bernardete Silva Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30/04/2021



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/04/2021, às 18:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0166087** e o código CRC **255C1023**.

Para a pessoa que fui no passado.
Não foi fácil, mas nunca desistimos
e chegamos aqui finalmente.
Obrigada por sempre continuar
e ter esperanças.

AGRADECIMENTOS

À minha família que sempre me apoiou e, em especial, meus pais Jonas e Luzia, que, mesmo nas dificuldades, nunca me abandonaram e ou me desestimularam, sempre dispostos a me ajudar como podem. Meus avós Sebastiana, João, Honório e, principalmente, minha avó Tereza, a quem dedico todo meu amor e respeito. Eu amo muito vocês. À minha irmã Erica, que sempre esteve ali por mim, nos bons e maus momentos, me acolhendo e sendo a melhor irmã que eu poderia ter.

Aos meus amigos que sempre estiveram comigo ao longo de toda minha graduação, acompanhando todas as dificuldades e pedras no caminho, em especial Aline, Brener, Conrado, Dorval, Fabrício, Guilherme, Júlia, Octávio, Pedro, Ruana, Sofia e a grande República *Boite Casablanca*, que foi minha segunda casa. Obrigada por nunca me deixarem desistir e por sempre estarem ao meu lado.

Aos professores, que me ensinaram muito mais do que apenas o fazer jornalístico, mas também a sempre acreditar em mim. Em especial à minha orientadora Hila que foi tão importante e atenciosa comigo nesse processo. Seu apoio e sua orientação foram essenciais para que eu sempre continuasse, e jamais me esquecerei disso.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram presentes e de alguma forma e me influenciaram e me ajudaram nesse percurso. São tantas pessoas que, se eu fosse listar todas, não caberiam aqui. Mas estarão pra sempre na minha memória.

Essa conquista não é apenas minha, pois, sem uma peça desse quebra-cabeças, eu nunca teria chegado até aqui.

Obrigada a todos por não me deixarem desistir, apesar de tudo.

Essa alegria é tanto minha quanto de vocês.

Obrigada a todos.

Do muito saber vem o nada a temer.

(Autor desconhecido)

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de apresentar as várias formas que o nosso corpo encontra para nos fazer comunicar durante uma entrevista, seja pelo gestual ou pela expressão facial – ou, ainda, pela entonação vocal. Se as palavras podem mentir, para o corpo essa tarefa é mais difícil. Através desse estudo, foi possível apresentar o potencial da percepção da comunicação não verbal como instrumento para direcionar melhor a entrevista no campo do jornalismo. Saber como o outro se sente nos auxilia também a moldar nossa própria postura durante esse tipo de interação, trabalhando nossa capacidade de escuta e sensibilidade diante da fala do outro. Para discutir esse tema, recorreremos à análise de uma entrevista específica concedida pela cartunista Laerte Coutinho ao Programa Roda Viva. A partir dos estudos sobre as formas de comunicação do corpo, foi possível mostrar como esse tipo de conhecimento pode auxiliar no aperfeiçoamento da prática jornalística, principalmente considerando a exposição cada vez maior dos indivíduos em função do crescimento do uso das tecnologias de comunicação. Compreender a linguagem do corpo torna mais fácil a assimilação do discurso e da ação.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista, Laerte Coutinho, Não-verbal, Roda Viva.

ABSTRACT

The present work was developed with the intention of presenting the various ways that our body finds to make us communicate during an interview, either by gestures or facial expressions - or, still, by vocal intonation. If words can lie, the task is more difficult for the body. With this study, it was possible to present the potential of the perception of non-verbal communication as an instrument to better direct the interview in the field of journalism. When we know how the other feels, it also helps us to shape our own posture during this type of interaction, working on our own listening capacity and sensitivity to the other person's speech. In order to discuss this topic, we opted for the analysis of a specific interview given by cartoonist Laerte Coutinho to the Roda Viva Program. From studies on the body's ways of communication, it was possible to show how this field of knowledge can help the process of improving journalistic practice, especially considering the increasing exposure of individuals due to the increasing use of communication technologies. The ability to understand body language makes it easier to assimilate speech and action.

KEYWORDS: Interview, Laerte Coutinho, Non-verbal, Roda Viva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama de Denle	13
Figura 2: Expressões faciais demonstradas pela tribo dos Fore.....	14
Figura 3: Modelo integrativo do processamento emocional.	16
Figura 4: Roda Viva entrevista Carlos Augusto Ayres de Freitas Britto, jurista e professor, em 22 de julho de 2019.	29
Figura 5: Posicionamento dentro do estúdio.	35
Figura 6: Mapeamento dos músculos da face.	37
Figura 7: F.A.C.S.	38
Figura 8: F.A.C.S.	39
Figura 9: F.A.C.S.	39
Figura 10: Alegria / Desprezo	44
Figura 11: Medo / Nojo.....	44
Figura 12: Raiva / Surpresa.....	45
Figura 13: Tristeza	45
Figura 14: Laerte, tentando sorrir.....	50
Figura 15: Laerte, apresenta um repuxão no lábio esquerdo, forte indicador de desprezo.....	54
Figura 16: Laerte, apresenta mãos mexendo, compreensão dos lábios, engolida em seco.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A PROSA DO CORPO	11
2.1 A linguagem do corpo.....	12
2.2 O corpo na entrevista	19
2.2.1 A entrevista como técnica	20
2.2.2 O gestual na entrevista	23
3 O RODA VIVA – UM PALCO PARA A FALA DO CORPO	27
3.1 O formato	27
3.2 As entrevistas: acesso, formatos e singularidades	31
4 O PERCURSO DA COMUNICAÇÃO PELO CORPO: UMA ANÁLISE	35
4.1 As “falas” do rosto e do corpo	36
4.2 O corpo escolhido	47
4.3 Observando Laerte	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS	66

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é, a partir da entrevista da cartunista Laerte ao programa de entrevistas Roda Viva, da TV Cultura, em 20 de fevereiro do ano de 2012, discutir como a comunicação não verbal pode influenciar a condução das entrevistas jornalísticas que configuram os diálogos entre o profissional de imprensa e o entrevistado. Através da observação e análise das reações daquele que pergunta e daquele que responde, é possível compreender melhor o alcance da comunicação não verbal alicerçada na linguagem corporal e nas expressões faciais, por exemplo. São elementos que, na prática, afetam os rumos que uma entrevista pode tomar, contribuindo para a maior ou menor qualidade jornalística da conversa estabelecida. A partir desses aspectos, a ideia é refletir sobre as potencialidades presentes nas variadas formas de expressão que se fazem presentes no universo desse tipo de entrevista. A pesquisa se desenvolveu através de uma perspectiva interdisciplinar que abrange também outras áreas de conhecimento, tais como a psicologia e a antropologia. Espera-se que esse estudo seja útil para o aprimoramento das técnicas de entrevista no campo da comunicação.

Os estudos sobre a comunicação não verbal ainda são pouco explorados pelos pesquisadores do jornalismo. Em outras áreas de conhecimento – como a psicologia e as ciências sociais – os trabalhos já realizados sobre esse tema englobam, principalmente, questões relacionadas às formas como o nosso corpo se expressa quando interage com o outro e os fatores que envolvem esses processos. Por isso são abordagens que, de maneira geral, valorizam elementos como, por exemplo, as chamadas micro e macro expressões faciais, certos movimentos corporais e a entonação vocal, entre outros aspectos da comunicação. Assim, alguns gestos – como certa inclinação da cabeça, uma expressão de raiva ou uma respiração mais demorada – são consideradas peças importantes, capazes de orientar os rumos e a qualidade do diálogo empreendido. Mas não apenas. A literatura sobre entrevistas no campo de estudos do jornalismo valoriza, para além das técnicas de entrevista, a perspicácia do profissional no momento de abordar a sua fonte. Significa que o entrevistador deve estar atento não apenas àquilo que está sendo dito, mas à maneira como está sendo dito (PEREIRA, 2017). Desse ponto de vista, a perspicácia – considerando, então, não só atenção ao conteúdo presente na fala do outro, mas também ao gesto e ao tom de voz, por exemplo – revela-se elemento essencial para melhor condução da entrevista. Saber o que afeta e o que não afeta o entrevistado é importante não apenas para assegurar uma boa comunicação, mas para garantir respostas valiosas.

Em função dessas particularidades, optamos por desenvolver essa discussão acionando não apenas estudiosos do jornalismo, mas também pesquisadores que se dedicam especialmente à comunicação não verbal e também àqueles que se ocuparam de refletir sobre os contextos culturais e sociais em diferentes tempos e espaços. Por isso recorreremos, por exemplo, a autores como os psicólogos Paul Ekman e Albert Mehrabian, ao antropólogo Roque de Barros Laraia e até ao biólogo Charles Darwin. Também estão presentes aqui – agora mais próximos aos estudos da comunicação, do jornalismo e de seus efeitos sociais – o sociólogo Edgar Morin e a jornalista e comunicóloga Cremilda Medina.

O debate aqui proposto parte de alguns pressupostos. O primeiro deles é o de que a comunicação é um instinto de sobrevivência, como já apontava David Hume, um dos mais importantes estudiosos do Iluminismo que, já no século XVIII, dedicava-se ao estudo das capacidades cognitivas humanas (MATOS, 2007). Assim é a fala, que, na condição de verbalização por meio das palavras, está presente em praticamente todas as nossas interações em ambientes diversos, com diferentes seres vivos. Mas também é assim com a comunicação não verbal. Assim, seja por meio do corpo ou da fala, a comunicação é uma forma de se fazer presente, é uma forma de conhecer o mundo e de não estar só. Por todas essas razões, a entrevista jornalística é uma interessante fonte de exploração das relações que se estabelecem por meio do diálogo e das expressões corporais.

Há muitos elementos envolvidos nesse processo: existe a ação, mas também o ambiente e o momento. Por isso optou-se pela observação e análise de uma das entrevistas produzidas pelo Roda Viva – um programa de formato singular, em que o entrevistado é posicionado no centro de um círculo, rodeado por entrevistadores de diferentes veículos, com diferentes perspectivas sobre os temas a serem abordados. Com essa proposta, este trabalho se desenvolve a partir de uma discussão teórica que, já a partir do próximo capítulo, intitulado *A prosa do corpo*, explora a linguagem gestual e a entrevista como técnica. O terceiro capítulo, por sua vez, é dedicado à apresentação de elementos específicos presentes no Roda Viva. Aborda-se o formato do programa, com todas as suas particularidades e nuances, assim como as técnicas de entrevista empreendidas. Discute-se também, nessa edição do programa em análise, os elementos acionados a partir da entrevistada, a quadrinista Laerte Coutinho, uma das cartunistas e chargistas mais importantes do país – e que, no ano de 2010, em entrevista à imprensa, identificou-se como transgênero e revelou sua opção pela prática do *crossdressing*. A escolha de Laerte como foco central desse estudo se mostrou interessante após um cuidadoso exame de possíveis candidatos e candidatas passíveis de análise. Laerte é uma figura influente e reconhecida em seu meio. A cartunista, conhecida por trabalhos como *Os Piratas do Tietê*,

apresenta ainda grande expressividade – tanto facial como corporal, além do fato de ser alguém que viveu a maior parte de sua trajetória de vida como homem. Foi aos 58 anos de idade que Laerte assumiu-se como mulher trans.

O quarto capítulo, assim, apresenta a análise da comunicação não verbal presente na entrevista analisada. São apresentados os movimentos que marcam o diálogo estabelecido durante aquela edição do Roda Viva, os sinais flagrados em entrevistadores e entrevistada, o lugar das emoções, das omissões e dos artifícios gestuais. As considerações finais estão no quinto capítulo, com algumas conclusões, reflexões e inquietações acerca da experiência de olhar para esse momento particular em um importante programa de entrevistas na TV. Espera-se que as discussões desenvolvidas possam contribuir para o campo de estudos do jornalismo como prática, em especial no que diz respeito às técnicas de entrevista.

2 A PROSA DO CORPO

A tela se abre e a câmera foca o espaço, descendo em espiral pelo estúdio, direcionando-se para a entrevistada sentada na cadeira posicionada exatamente ao centro daquele espaço em forma de arena. Laerte Coutinho está com um vestido azul, mexendo as mãos na altura do peito. Em seguida, a câmera se dirige para o mediador da conversa, o jornalista Mario Sergio Conti, sentado um nível acima da entrevistada, apoiado na bancada com os braços cruzados.

- Boa noite a todos, o Roda Viva exibido nessa noite de Carnaval foi excepcionalmente gravado e, por conta disso, não teremos nossa plateia de twitteiros nem de e-mail's – nossa plateia virtual. Nosso entrevistado dessa noite é Laerte Coutinho.

A câmera muda para um plano geral e, em seguida, dirige o foco para a entrevistada.

- Boa noite, Laerte. Uma pergunta prévia ...

Assim começa a entrevista do programa Roda Viva veiculado no dia 20 de fevereiro de 2012, analisada neste estudo. Exibida pelo canal TV Cultura em quatro blocos, ela foi gravada no dia 14 de fevereiro do ano de 2012, em São Paulo. Desde o começo, Laerte está inquieta na cadeira. Ao ser abordada pelos entrevistadores, apoia as mãos no colo, cobrindo os órgãos genitais. Esse pode ser um gesto revelador da sensação de vulnerabilidade, segundo Magalhães:

O medo apreensivo é denotativo numa situação em que a pessoa encontra-se preocupada com algo e tenta a autoproteção. Desta forma, tenta esconder os órgãos genitais demonstrando distância e, usualmente, é acompanhado por um tom de voz inaudível, como se a voz falhasse à medida que se estende a conversa. Denota a falta de confiança no que é dito (MAGALHÃES, 2010, p. 48).

Isso bastaria para demonstrar que Laerte parecia não se sentir confortável em estar ali, naquele ambiente, onde é o foco das atenções. Ela sabe que ali será exposta, pelo menos em parte, a sua vida pessoal, seu trabalho, suas ideias e pensamentos. Está num ambiente ocupado por outros cartunistas, uma psiquiatra e jornalistas e, portanto, por pessoas encarregadas de descobrir e trazer à tona fatos, impressões e opiniões que sejam interessantes para o público contemplado pelo programa de entrevistas.

O que Laerte diz pode causar impacto, da mesma forma que sua maneira de se movimentar. A comunicação não verbal também oferece interpretações diversas, mas por meio de gestos, expressões e ações das pessoas presentes em uma interação, é possível entender melhor o que está em jogo em relação aos temas abordados. Por isso cada gesto e expressão são importantes para compreender cada mensagem emitida. A comunicação não verbal “molda” essa mensagem de forma condizente com cada momento, com cada situação, dependendo do

objetivo dos interlocutores – e da maneira como eles se sentem. Por isso a linguagem do corpo é o eixo central neste trabalho.

2.1 A linguagem do corpo

A comunicação não-verbal é utilizada desde os primórdios da humanidade. Ela salvaguardou homens e mulheres de muitos eventos que poderiam ter eliminado esses seres. Foi instrumento que assegurou a sobrevivência de humanos e animais em meio a conflitos sociais que envolviam interesses de toda ordem – da caça aos casamentos, passando pelas guerras por territórios. Através da interpretação do outro, e da emoção que se causa no outro, pode-se determinar os rumos das interações dentro das comunidades, entre elas e com o mundo (CAES, 2012).

Paul Ekman, em seu livro *A linguagem das emoções*, aborda os processos de formação das emoções que repercutem nas expressões do corpo:

As emoções podem começar rapidamente, e isso ocorre muitas vezes; tão rápido que nossa consciência não participa ou testemunha o que ativa uma emoção em nossa mente em determinado momento. Essa velocidade pode salvar nossas vidas em uma emergência, mas também pode arruiná-las quando reagimos de forma exagerada. Não temos muito controle a respeito do que nos deixa emocionados, mas é possível, embora não seja fácil, fazer algumas mudanças naquilo que ativa nossas emoções e em nosso comportamento quando nos emocionamos (EKMAN, 2011, p. 14).

As expressões faciais e as reações gestuais, bem como o movimento dos olhos e a entonação de voz, tudo isso faz com que o corpo se comunique em situações em que a emoção se faz presente. Alguns pesquisadores utilizam a palavra *sinergologia* para falar sobre essa forma de comunicação e o termo pode ser traduzido como a comunicação ativa com o outro (*sum + ergo + logos*). A palavra apareceu pela primeira vez no livro *La Synergologie*, de Philippe Turchet, em 1998, mas nem todos os estudiosos utilizam esse termo para se referirem ao estudo do corpo como forma de comunicação. Neste trabalho, portanto, a fala do corpo será referenciada apenas como *comunicação não verbal*.

Charles Darwin foi o primeiro a reconhecer que os mamíferos expressavam suas emoções através de expressões faciais, o que os diferenciava dos outros seres vivos. Essa ideia foi apresentada no livro *A expressão das emoções nos homens e dos animais*, de 1872. O livro continha fotografias, desenhos (elaborados a partir dessas fotografias e observações apontadas por outros pesquisadores da época). Abaixo podemos ver uma das imagens apresentadas por ele em seu livro. Ela mostra os músculos do rosto, principalmente aqueles mais próximos dos olhos e do nariz, responsáveis por movimentos que permitem diferentes expressões faciais.

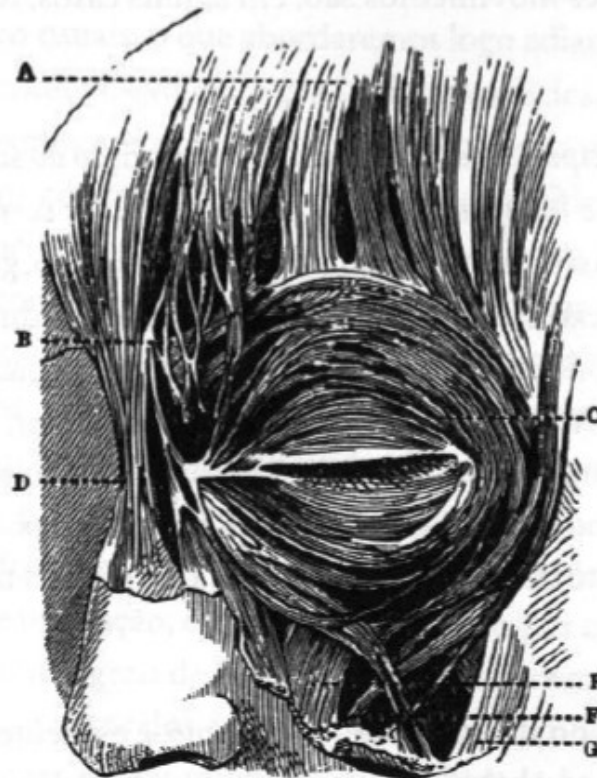


Fig. 3 – Diagrama de Henle.

- | | |
|--|--|
| <p>A. <i>Occipito-frontalis</i>, ou músculo frontal.</p> <p>B. <i>Corrugator supercilii</i>, ou músculo corrugador.</p> <p>C. <i>Orbicularis palpebrarum</i>, ou músculos orbiculares dos olhos.</p> <p>D. <i>Pyramidalis nasi</i>, ou músculo piramidal do nariz.</p> <p>E. <i>Levator labii superioris alaeque nasi</i>.</p> | <p>F. <i>Levator labii proprius</i>.</p> <p>G. Zigomático.</p> <p>H. <i>Malaris</i>.</p> <p>I. Pequeno zigomático.</p> <p>K. <i>Triangularis oris</i>, ou <i>depressor anguli oris</i>.</p> <p>L. <i>Quadratus menti</i>.</p> <p>M. <i>Risorius</i>, parte do platisma mióide.</p> |
|--|--|

Figura 1: Diagrama de Denle¹

Fonte: DARWIN, 1872, p. 34.

Desde então, outros pesquisadores adicionaram novas informações ao estudo do corpo como forma de comunicação. Paul Ekman é um dos principais estudiosos responsáveis pela análise das micro expressões e expressões faciais como forma de comunicação. Em 1975, ele apresentou, no livro intitulado *Unmasking the Face*, o que considerava as sete emoções

¹ A. *Occipito-frontalis*, ou músculo frontal; B. *Corrugator supercilii*, ou músculo corrugador; C. *Oirbicularis palpebrarum*, ou músculos orbiculares dos olhos; D. *Pyramidalis nasi*, ou músculo piramidal do nariz; E. *Levator labii superioris alaeque nasi*; F. *Levator labii proprius*; G. Zigomático; H. *Malaris*; I. Pequeno zigomático; K. *Triangularis oris*, ou *depressor anguli oris*; L. *Quadratus menti*; M. *Risórius*, parte do platisma mióide.

fundamentais: nojo, raiva, surpresa, medo, felicidade, tristeza e desprezo. Após visitar e observar diferentes comunidades em diversas partes do mundo, como o Chile, Papua-Nova Guiné, Estados Unidos, Japão, Brasil, Argentina, Indonésia e também a ex-União Soviética, Ekman constatou que existe um padrão na maneira como as linhas do rosto conformam as expressões que caracterizam o ser humano – e que essas expressões refletem emoções específicas. Na tribo Fore, em Papua Nova Guiné, pôde comprovar que essas emoções são universais – e não apreendidas ou culturais. Abaixo, as expressões faciais na tribo dos Fore.

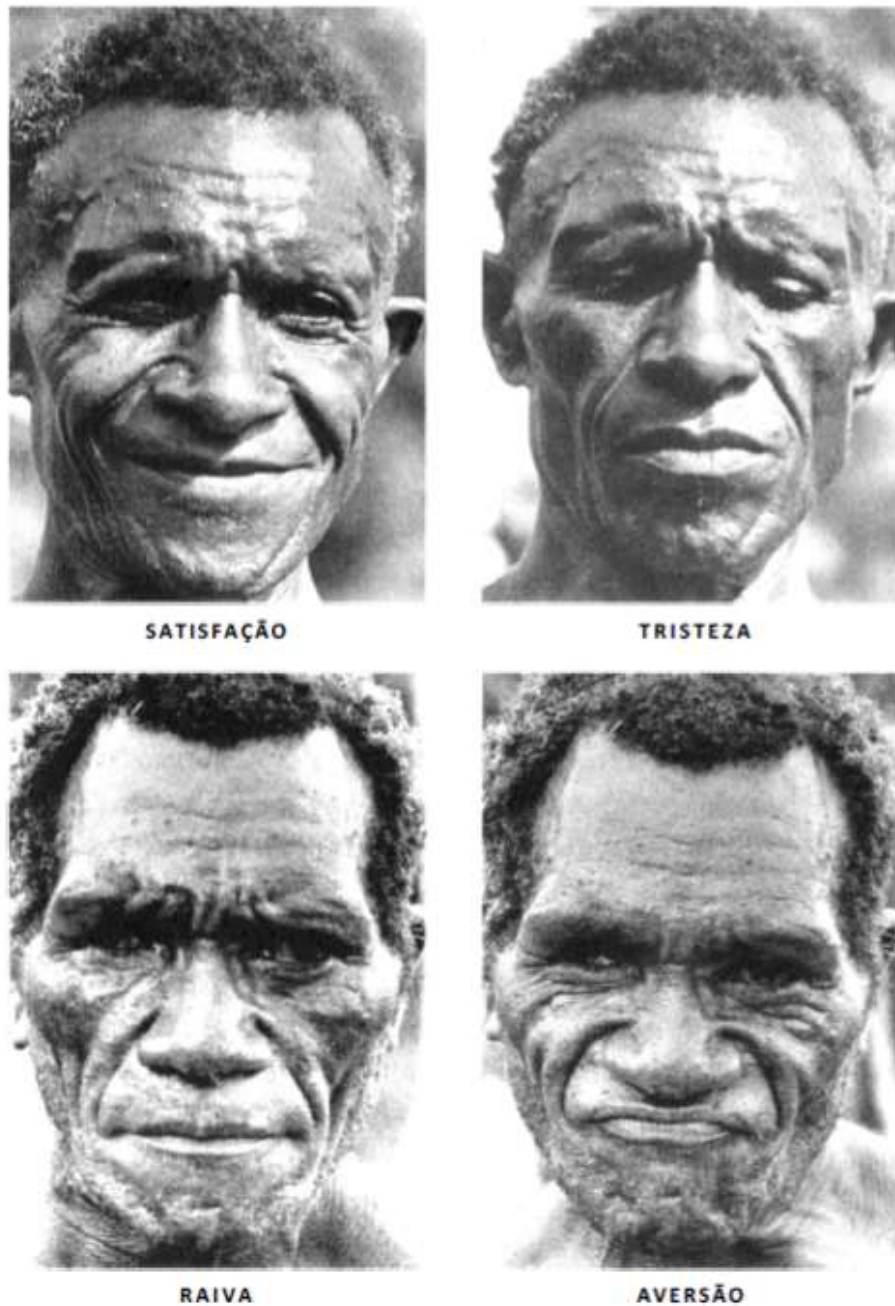


Figura 2: Expressões faciais demonstradas pela tribo dos Fore.

Fonte: EKMAN, Paul. 2011, p 29.

Outros pesquisadores, como Albert Mehrabian, um dos pioneiros no campo da comunicação não verbal, também foram importantes para o amadurecimento desses estudos. Em 1971, Mehrabian apresentou, em seu livro *Silent Messages*, indicadores de que apenas 7% da comunicação trabalhada por um sujeito estão centrados na expressão verbal. A entonação e tom de voz respondem por 38% dessa comunicação, ao passo que 55% dizem respeito à linguagem corporal (MEHRABIAN, 1971. P. 43). Outros trabalhos evidenciaram a força expressiva dos movimentos gestuais e faciais. Ekman e Friesen (2003) demonstraram, por exemplo, que, entre todas as formas de comunicação, a não verbal é a mais difícil de dissimular – principalmente aquela que decorre dos movimentos do rosto. Há, nesse processo, reações físicas, biológicas e corporais que são, de maneira geral, bastante difíceis de controlar, como, por exemplo, a respiração e a dilatação das pupilas. Os autores acentuam esse aspecto:

It is easier to monitor your words as you speak them than to monitor your facial expressions. There are two reasons. First, facial expressions can be extremely rapid, flashing on and off the face in less than a second. With words you can easily take the stance of the person who receives your message, listening to it as he does; this is not as easy with facial expressions. You can hear yourself speak, managing what you are saying word by word, and even changing within a word. But you can't see your own facial expressions, and to do so would be disruptive. Instead you must rely upon a less accurate source of information about what is going on in your face—the feedback from the facial muscles. (EKMAN; FRIESEN, 2003, p. 136)²

A título de exemplo, qualquer pessoa pode dizer alguma mentira ou tentar esconder alguma emoção em determinado momento, mas o corpo, antes e durante o ocorrido, trabalhará para dar algum indício da veracidade maior ou menor daquela mensagem. As mentiras costumam falhar quando envolvem emoções muito fortes. É bastante comum que o sujeito sinta apreensão diante da possibilidade de ser pego. Pode haver, nesse processo, a culpa por mentir – ou a felicidade por enganar o interlocutor (EKMAN, 1992). O trabalho de Ekman mostra que, através de um conjunto de sinais, incongruências verbais e não verbais, é possível saber se uma pessoa está ou não sendo verdadeira – ou o que ela está efetivamente sentindo em um determinado momento. As emoções podem trair o sujeito.

² É mais fácil monitorar suas palavras enquanto você as pronuncia do que monitorar suas expressões faciais. Existem duas razões. Primeiro, as expressões faciais podem ser extremamente rápidas, piscando dentro e fora do rosto em menos de um segundo. Com palavras, você pode facilmente assumir a posição da pessoa que recebe sua mensagem, ouvindo-a como ela; isso não é tão fácil com expressões faciais. Você pode se ouvir falando, gerenciando o que está dizendo palavra por palavra e até mudando dentro de uma palavra. Mas você não pode ver suas próprias expressões faciais, e fazer isso seria perturbador. Em vez disso, você deve confiar em uma fonte menos precisa de informações sobre o que está acontecendo em seu rosto - o feedback dos músculos faciais. (Tradução livre)

Há que se considerar, ainda, um outro processo, que é o de ativação das emoções nos seres vivos. Muitos estudos foram apresentados acerca desse tema nas últimas quatro décadas. Autores como James (1980) observaram que o sujeito é movido, antes de tudo, por um estímulo (a partir de qualquer um dos campos dos cinco sentidos). A isso o organismo reage, o que é perceptível pelo movimento das vísceras – e que traduz uma determinada sensação (MIGUEL, 2015). Uma descrição detalhada dessa ativação das emoções também foi feita por Fabiano Koich Miguel, em 2015:

A um evento percebido pelo sujeito seguem-se cognições, que podem ser conscientes ou inconscientes, e que atribuem um valor ao acontecimento. Essa interpretação (cognição) é um reflexo do seu histórico de vida, das suas experiências individuais, sociais e, portanto, da forma como ele percebe o mundo. Se aquele evento possuir valor afetivo, podem ocorrer as reações que estão agrupadas no conjunto de contorno tracejado. As possíveis reações são: afetos subjetivos (impressão subjetiva); mudanças corporais típicas do sistema nervoso autônomo (alterações fisiológicas), como sudorese, dilatação das pupilas ou alteração do batimento cardíaco e da respiração; e, um grupo de reações comportamentais (comportamento expresso), que inclui desde expressões faciais, vocais, alterações na postura e até movimentação. Todas essas três reações podem ocorrer simultaneamente (por exemplo, ao escutar uma piada e espontaneamente dar risada, o coração acelerar e sente-se bem); apenas duas (por exemplo, ao escutar os comentários desagradáveis de uma pessoa, alterando-se a respiração e sentindo-se incomodado, porém sem alterar a expressão facial); apenas uma (por exemplo, dar um sorriso simples de bom dia) ou mesmo nenhuma, que seria o caso do evento não ter valor para o indivíduo. (MIGUEL, 2015, p.155)

Abaixo, o modelo integrativo proposto pelo autor:

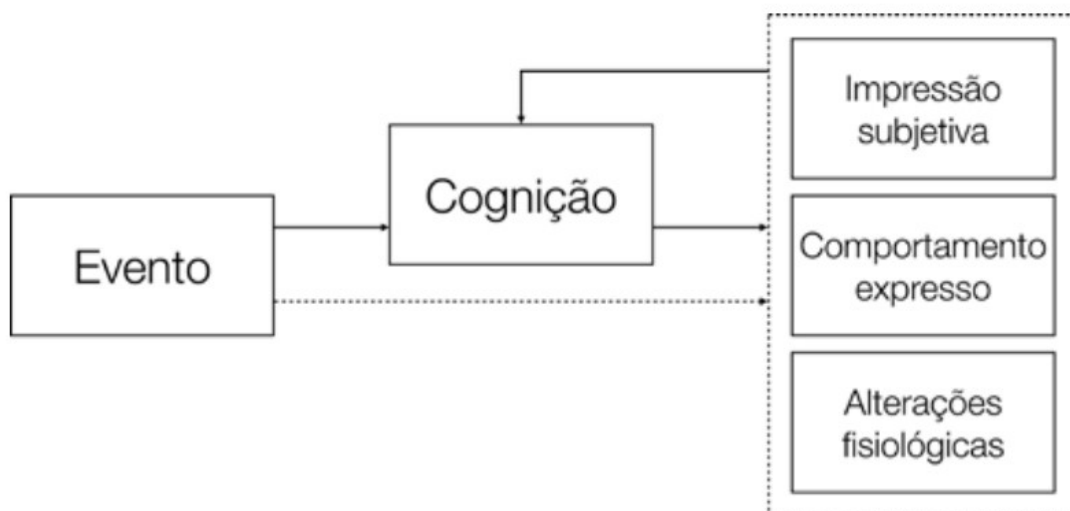


Figura 3: Modelo integrativo do processamento emocional.

Fonte: MIGUEL, 2015, p.155

Talvez exatamente em função das emoções que afetam os animais, a linguagem corporal seja a mais antiga das linguagens usadas nesse universo. Para se ter uma ideia, a fala humana foi descoberta há cerca de 50 mil anos (Tallerman, 2019)³, mas o corpo já se comunicava não verbalmente antes disso. Pense num tempo em que o ser humano não era capaz de se comunicar com palavras. Como seria possível a um homem primitivo demonstrar, por exemplo, o medo ou a raiva sem vociferar? Pois as micro expressões já se faziam presentes no rosto. Essa era uma das formas de comunicação para aqueles que se deparavam, por exemplo, com um grande predador.

Desde o início da vida, o ser humano aprende a assimilar e interpretar o que o rodeia. Na infância, é através do rosto dos pais que a criança constata se eles estão bravos ou incomodados com algo. Ela percebe as micro expressões e reage a partir da maneira como as interpreta (ARRUDA, 2015). Assim também ocorre nos diálogos – e também nas entrevistas. Quando examina o campo das sensações e dos sentimentos, Paul Ekman recorre ao psicólogo e pesquisador estadunidense Silvan Tomkins, para quem as emoções são responsáveis por todas as decisões importantes tomadas pelo sujeito durante a vida. A emoção é capaz de anular impulsos decorrentes, por exemplo, da fome e do sexo. Há aqui um instinto de sobrevivência, como observa Ekman:

Elas [as emoções] podem anular o que a maioria dos psicólogos considera os motivos essenciais que impulsionam nossas vidas: fome, sexo e o instinto de sobrevivência. As pessoas não comerão se acharem que o único alimento disponível é repugnante. Elas podem até morrer, ainda que outras pessoas possam considerar o mesmo alimento saboroso. A emoção triunfa sobre o impulso da fome. O impulso sexual é notoriamente vulnerável à interferência das emoções. Uma pessoa pode nunca tentar o contato sexual por medo ou aversão, ou pode nunca ser capaz de consumir um ato sexual. A emoção triunfa sobre o impulso sexual. E o desespero pode subjugar até a vontade de viver, induzindo ao suicídio. As emoções triunfam sobre a vontade de viver. (EKMAN, 2011, p. 17)

Há várias evidências do papel das emoções na vida de indivíduos que transitam pela esfera pública, por exemplo. Políticos, autoridades públicas e também as celebridades costumam ser julgadas por seus comportamentos em situações diversas. O mesmo ocorre com o cidadão comum em entrevistas de emprego, para citar outro exemplo. Nessas situações, o sujeito deve estar sempre atento à maneira como sua fala é percebida pelo outro – e como esse outro se sente em relação a ele, pois isso influenciará a maneira como o diálogo se desenrolará

³ ROSEN, Michael. Quando e por que os humanos começaram a falar?. BBC, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-48757500#:~:text=A%20real%20origem%20da%20linguagem,de%20anos%22%2C%20diz%20Tallerman>>. Acessado em 15 de fevereiro de 2021.

(Medina, 2011). Um político que, na condição de entrevistado, apresente-se com expressão facial severa – lábios contraídos, braços cruzados e queixo levantado – pode indicar resistência e, portanto, dificuldades de interação. Braços cruzados significam, muitas vezes, um desconforto por estar em determinada situação, mas nem sempre quer dizer que a pessoa está “fechada” (Weil e Tompakow, 2015). Lábio contraído pode sugerir uma não disposição de fala, impedindo ou dificultando o ato de resposta à pergunta elaborada. A pessoa que se apresenta assim está “segurando as palavras”, mas nem sempre tem consciência disso. Nem sempre percebe que está reagindo racionalmente ou apenas fisicamente àquele momento. (Santos, 2017)

Assim é que, no âmbito das práticas jornalísticas, é importante que entrevistadores e entrevistados compreendam o próprio corpo – exercendo controle sobre ele, sobre cada ação e cada gesto, de maneira a assegurar a confiança do interlocutor. São movimentos interessantes quando se considera que nem sempre é fácil dissimular as expressões emocionais, como ressalta Ekman:

As expressões emocionais falsas podem ser detectadas (...) a partir da assimetria, da ausência de movimentos musculares específicos — típicos das expressões genuínas, difíceis de realizar voluntariamente —, e das discrepâncias no timing da expressão. As emoções mascaradas com um sorriso podem, ainda, deixar escapar a emoção sentida nas pálpebras superiores, sobrancelhas e testa. (EKMAN, 2011, p. 242)

Importante observar, nesse ponto, que, dentro das formas de comunicação não verbal apresentada pelo corpo, temos ainda a linguagem corporal que, ao contrário das expressões faciais, não podem ser tomadas como universais. De acordo com Ekman, esse é um elemento cultural e varia conforme a localidade, a posição social do sujeito, sua vivência e seus anseios. A classe social, por exemplo, pode fazer com que a mesma linguagem corporal acione diferentes interpretações para diferentes pessoas.

Outro aspecto importante para pensar a entrevista jornalística é o caráter cultural das emoções. Como observa Ekman (2011), elas refletem a nossa história, a nossa evolução e todos os elementos que assimilamos nesse percurso. Estão assim, relacionadas ao lugar em que vivemos, ao tempo que vivenciamos e às pessoas com as quais cruzamos. Nas palavras do autor, “ficamos emocionados a respeito de questões relevantes para nossos antepassados e a respeito das que achamos importantes em nossas próprias vidas” (EKMAN, 2011, p.242).

Laraia, em seu livro intitulado *Cultura: um conceito antropológico*, de 1986, nos introduz ao conceito antropológico de *cultura* através de um estudo que apresenta variadas concepções do termo – desde Heródoto (484-424 a.C.) a Mauss (1872-1950), passando por Locke (1632-1704), entre outros. O antropólogo destaca, por exemplo, que o comportamento

do ser humano é culturalmente assimilado, uma vez que todas as suas ações dependem de processos de aprendizado. Nesse sentido, mulheres podem exercer determinada função majoritariamente em um determinado ambiente no Brasil, ao mesmo tempo que, em outros países, a mesma função seja majoritariamente masculina, e isso pode influenciar a forma como esse sujeito vai se comportar e agir em determinado ambiente e em determinada relação. É a partir dessa perspectiva que Laraia apresenta os pontos consensuais acerca da definição de *cultura*, recorrendo ao esquema trabalhado por outro antropólogo, Roger Keesing, no artigo nomeado *Theoris of Cultures*, a respeito dos pensamentos fundados na ideia da *cultura* como sistema moldado:

Keesing refere-se, inicialmente, às teorias que consideram a cultura como um sistema adaptativo. Difundida por neo-evolucionistas como Leslie White, esta posição foi reformulada criativamente por Sahlins, Harris, Carneiro, Rappaport, Vayda e outros que, apesar das fortes divergências que apresentam entre si, concordam que: 1. "Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante." 2. "Mudança cultural é primariamente um processo de adaptação equivalente à seleção natural." ("O homem é um animal e, como todos animais, deve manter uma relação adaptativa com o meio circundante para sobreviver. Embora ele consiga esta adaptação através da cultura, o processo é dirigido pelas mesmas regras de seleção natural que governam a adaptação biológica." B. Meggers, 1977). 3. "A tecnologia, a economia de subsistência e os elementos da organização social diretamente ligada à produção constituem o domínio mais adaptativo da cultura. É neste domínio que usualmente começam as mudanças adaptativas que depois se ramificam. Existem, entretanto, divergências sobre como opera este processo. Estas divergências podem ser notadas nas posições do materialismo cultural, desenvolvido por Marvin Harris, na dialética social dos marxistas, no evolucionismo cultural de Elman Service e entre os ecologistas culturais, como Steward." 4. "Os componentes ideológicos dos sistemas culturais podem ter conseqüências adaptativas no controle da população, da subsistência, da manutenção do ecossistema etc." (LARAIA, 1986, p. 59)

Sob esse aspecto, a entrevista de Laerte é ainda mais rica, pois, a partir da observação dos gestos e expressões da cartunista, é possível observar os efeitos das emoções em seu corpo, nas expressões faciais e mesmo nas palavras que acompanham esses movimentos. O corpo, aqui emerge como o canal que expressa certas emoções, transformando-se em importante elemento para o exercício da prática do jornalismo, em especial no campo de atuação fundado na entrevista – lugar do diálogo, da capacidade de escuta e de expressão do pensamento. Por isso é um dos temas centrais da análise aqui proposta.

2.2 O corpo na entrevista

Para discutir a atitude corporal no universo da prática jornalística essa pesquisa estará centrada na análise da entrevista e dos elementos que a permeiam, mas especialmente nesse campo da linguagem do corpo. Dessa forma, espera-se contribuir para uma reflexão que atravessa os estudos da comunicação e do jornalismo, mas que também encontra eco no campo da psicologia. Assim, analisar uma entrevista, aqui, nunca será analisar apenas a pergunta e a resposta. Será preciso atenção ao movimento corporal e facial, assim como à entonação da voz que acompanha cada frase – até porque nem tudo se explica somente com as palavras.

Nesse sentido, a análise da linguagem corporal exige atenção aos detalhes. Observar uma entrevista é, desta forma, observar minuciosamente cada cena que a compõe.

2.2.1 A entrevista como técnica

Muitas conversas são, de certa forma, entrevistas. Todo diálogo está fundado em um determinado acontecimento, e está permeado de emoção. É esse diálogo que possibilita o compartilhamento de conteúdo entre duas ou mais pessoas por meio da comunicação – que pode se dar pela fala, pela escrita ou pelo corpo. Entrevistar significa ter uma conversa com uma ou mais pessoas, com o intuito de obter alguma informação relacionada a temas variados. Uma entrevista pode ser de caráter jornalístico, com a finalidade de informar sobre certo fato, história ou vivência. Mas também pode ser uma conversa necessária a processos que envolvem, por exemplo, a busca de um emprego no mercado de trabalho. Fato é que, seja em que situação for, aquele que interpela está sempre à procura de mais informações sobre o outro e sobre os acontecimentos que envolvem o mundo no qual esse outro circula. Morin (1973, p.115) resume bem essa ideia quando diz que “uma entrevista é uma comunicação pessoal tendo em vista um objetivo de informação”. Em sua abordagem, o autor deseja classificar essas conversações: elenca o que chama de “conversação clínica” (de caráter terapêutico); a entrevista em profundidade (voltada para uma investigação mais minuciosa); a entrevista focada (em que o investigador se utiliza de técnicas específicas para que o entrevistado exponha sua experiência pessoal sobre o problema apresentado); a entrevista de livres respostas (em que se incentiva a improvisação nas respostas); a entrevista de questões abertas (com perguntas previamente elaboradas e estruturadas); a entrevista com respostas previamente formuladas (com diversas possibilidades de respostas, oferecendo ao entrevistado a liberdade de escolher entre elas); e a entrevista de questões fechadas (baseada em questionário ao qual o entrevistado responde com “sim” ou “não” (ou “favorável” e “desfavorável”).).

Em grande medida, Morin se refere às entrevistas que se desenrolam no campo da pesquisa acadêmica, mas no jornalismo o ato de entrevistar também carrega suas nuances e particularidades. A entrevista jornalística exige, não raras vezes, um trabalho de apuração sobre aquele que será entrevistado e sobre o tema a ser abordado. É preciso um preparo que também deve ser cuidadoso. Cremilda Medina, em seu livro *Entrevista: um diálogo possível*, observa que esse diálogo não pode ser tomado apenas como mera técnica de conversação:

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado-entrevistador – não atinge os limites possíveis da interrelação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo (MEDINA, 2011, p.8).

Assim, a entrevista é, efetivamente, um método que pressupõe técnicas de interação social, política e jornalística sempre atravessada pela sensibilidade na escuta. Uma entrevista, quando encarada apenas sob a perspectiva da técnica, vai se basear em perguntas pré-formuladas que têm, como finalidade, obter respostas para perguntas fundadas em determinados pressupostos. No jornalismo, essas perguntas não podem obedecer a meras pressuposições. Ao contrário: devem ser pensadas a partir do contexto em que vive o outro, à sua situação de vida, suas necessidades, interesses e aspirações.

É sob esse aspecto que a entrevista jornalística demanda, muitas vezes, uma pesquisa prévia sobre aquele sujeito que será ouvido. Esse tipo de apuração relacionada ao entrevistado dá maior embasamento à abordagem pretendida. Quem produz uma pauta jornalística para um entrevistador deve fornecer a ele informações variadas sobre a pessoa a ser entrevistada – e os possíveis assuntos capazes de produzir uma conversa interessante do ponto de vista jornalístico. Esse tipo de informação ajudar o profissional a direcionar e conduzir melhor o diálogo.

No campo da comunicação e dos estudos do jornalismo, a literatura indica a existência de tipos diversos de entrevista. Os pesquisadores elencam, por exemplo, as chamadas *entrevistas de rotina*, feitas no dia a dia do repórter, com curto prazo de divulgação, e também a *entrevista individual*, concedida a apenas um jornalista, em geral marcada com antecedência já a partir de uma pauta discutida na redação (LAGE, 2001). São comuns, ainda, as *entrevistas coletivas*, que ocorrem em um ambiente específico, com variados jornalistas que se revezam para fazer perguntas a um ou mais entrevistados. Igualmente assinaladas pelos estudiosos estão a *entrevista exclusiva*, concedida a apenas um veículo – que divulgará o conteúdo em primeira

mão – assim como a *entrevista de pesquisa*, geralmente direcionada a especialistas. Também se costuma listar, entre os padrões mais usuais, a *entrevista a personalidades*, feita com o intuito de elaborar um perfil do entrevistado, o que exige perguntas sobre rotina, hábitos e histórias de vivência, por exemplo. Nilson Lage (2001), em *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, menciona ainda as *entrevistas rituais*, que costumam ser mais breves e centradas muito mais na exposição do entrevistado – seja por meio de sua figura ou de sua voz – do que o conteúdo a ser dito:

Entrevistas de jogadores ou técnicos após a vitória ou a derrota, ou de visitantes ilustres, logo após sua chegada, costumam ter essa característica. As declarações ou são irrelevantes, ou esperadas, ou ainda mera formalidade a que, por algum motivo, se atribui dimensão simbólica. O mundo oficial é rico em situações rituais: interessam, aí, o ambiente, o clima, a encenação (cumprimentos, cerimonial, trajes e atitudes), cuidadosamente programados para compor o “documento histórico”. Buscam-se desvios e falhas de protocolo, nuanças na fala diplomática (nesse gênero de discurso, palavras como cordial e amigável podem ter sentidos muito diferentes). Mas, em geral, frustra-se o esforço para encontrar algo importante no que é declarado (LAGE, 2001, p.32)

O autor também relaciona, nesse campo, as *entrevistas temáticas*, que abordam um assunto “sobre o qual se supõe que o entrevistado tem condições e autoridade para discorrer”, em geral referente à “exposição de versões ou interpretações de acontecimentos” e que permitem melhor entendimento de um fato ou de um ponto de vista (LAGE, 2001, p.32). Outro tipo de entrevista mencionado por ele é a *testemunhal*, baseada no “relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu”, acrescentando sua própria interpretação. A exemplo de outros autores, Lage também faz referência à *entrevista em profundidade*, que, para ele, não se concentra em um tema ou acontecimento particular, mas, sim, na pessoa do entrevistado, na representação que ele faz do mundo. É quando se procura “construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões” (LAGE, 2001)

Nessa mesma obra, Lage chama a atenção para as circunstâncias que marcam a realização das entrevistas, categorizando-as em *ocasionais, confrontos, coletivas e dialogais*. Em todos esses formatos, é necessário, segundo ele, que o entrevistador tenha um bom domínio do assunto a ser discutido, dos contextos e das histórias por detrás do personagem – e também das histórias contadas por outras pessoas que convivem com esse personagem. Isso faz com que a entrevista seja melhor aproveitada. Como observa o autor, o repórter, além de traduzir, “deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade” (LAGE, 2001, p. 9).

Significa, assim, que todo entrevistador tem, como função, a partir de informações contidas na pauta, obter dados relevantes em relação ao tema a ser tratado. Mas sem um conhecimento prévio e sem uma perspectiva sensível, ele não é capaz de discernir sobre a qualidade e legitimidade dessas informações disponibilizadas. Por isso, também é vital que o entrevistador estabeleça uma relação de confiança com o seu entrevistado. É preciso lembrar que toda entrevista tem suas singularidades – e que isso é importante na determinação do modo como a abordagem ao outro será feita, e também para descobrir a melhor forma de lidar com essa fonte.

Morin (1973), ao discorrer sobre a o gênero entrevista, ressalta que esse diálogo "se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra", o que faz com que haja, não raras vezes, "risco permanente de dissimulação ou da fabulação" (MORIN *apud* MEDINA, 2011, p. 12). Mas esse é um aspecto relevante para pensar também a comunicação gestual. Aqui, ganha importância a interpretação de atitudes corporais não conscientes, de pequenos movimentos.

A comunicação, então, se torna muito mais do que apenas a fala. Ribeiro em sua tese intitulada *Comunicação não-verbal A influência da indumentária e da gesticulação na credibilidade do comunicador*, introduz um conceito de comunicação mais amplo.

A comunicação não se baseia apenas nas palavras ditas entre as pessoas. Todo e qualquer comportamento também transmite uma mensagem. Para que a comunicação ocorra com sucesso é necessário ter em conta a relação interpessoal como um todo, considerando as palavras e toda a linguagem não-verbal que o nosso corpo comunica. "A comunicação eficiente é assim. Palavra, tom de voz, gestos, contexto, tudo está interligado na mensagem que é transmitida. Processo e conteúdo, como música e dança, estão sintonizados na mesma vibração. (Ribeiro, 1998 *apud* Ribeiro, 2011 p.5)

No âmbito do diálogo, a observação dessas atitudes corporais são detalhes que fazem diferença no resultado da entrevista: o modo gestual que acompanha a pergunta, a postura de entrevistado e do entrevistador, os movimentos que compõem a linguagem utilizada para oferecer uma resposta.

2.2.2 O gestual na entrevista

Mas em que reside a importância desse "gestual" durante uma entrevista? Certamente na série de informações complementares que ele agrega às palavras e ao tom de voz de entrevistador ou entrevistado em um dado momento. Não por acaso, os estudos acerca da linguagem corporal apresentam várias definições desse gestual, sempre a partir dos significados

de cada ação, levando em consideração o aspecto cultural da linguagem corporal e também as expressões faciais observadas.

Na cinésica, ciência em que se estuda os movimentos do corpo, existe a área que se estuda sobre o gestual.

A cinésica é, provavelmente, de entre todos os sistemas de comunicação não-verbal o mais representativo e característico. É a disciplina que estuda o significado expressivo dos gestos e dos movimentos corporais que acompanham a fala. Nos estudos de Paul Ekman e Friesen, a cinésica é a ciência ou método que estuda os movimentos do corpo em geral, nomeadamente: os gestos, movimentos corporais das mãos, cabeça, pés e das pernas, expressões faciais, conduta ocular e posturas (RIBEIRO, 2011, p.20).

Paul Ekman e Friesen, em 1969, apresentaram um esquema de classificação dos gestos, separando-os em *emblemáticos, ilustradores, reguladores, demonstradores de afecto e de adaptadores*. (MAGALHÃES, 2010)

[...] neste sentido engloba cinco categorias que traduzem a significância dos gestos e movimentos que transmitam uma mensagem: os emblemas, movimentos que agem como substitutos de palavras; ilustradores, movimentos que são realizados de forma a acompanhar o discurso; reguladores, movimentos que possibilitam uma reacção no próprio indivíduo ou no receptor; adaptadores, movimentos que indicam o estado emocional da pessoa, como por exemplo coçar a cabeça, friccionar as mãos ou pés e, até mesmo o cruzar e descruzar os braços e, por fim os demonstradores de afectos que tal como o próprio nome mostra revelam emoções, recorrendo maioritariamente às expressões faciais.(MAGALHÃES, 2010. p 42)

Vários autores já apresentaram significativas contribuições acerca do estudo dos gestos. Ribeiro, em 2011, em sua dissertação de mestrado, apresenta um quadro com o resumo dos estudos realizados na área. Cita, por exemplo, os estudiosos Marcus Fabius Quintilianus, Efron, Ekman e Friesen e Young, importantes pesquisadores da área. (RIBEIRO, 2011. p 24)

A partir desses trabalhos, o campo dos gestos obteve maior atenção, e, desta forma, termos e classificações foram melhor assimilados e categorizados. Nessa pesquisa, usaremos a classificação de gestos apresentada por Vitor Santos (2018), que elenca os gestos em *ilustradores* (reguladores e indicadores), *emblemáticos* e MAP (abrangendo os gestos manipuladores, pacificadores e adaptadores).

Os *gestos ilustradores* servem para, como o próprio nome diz, ilustrar o que está sendo narrado naquele momento. Por exemplo: para direcionar o interlocutor rumo a um determinado lugar, o sujeito pode apontar e conduzir o olhar do outro. Trata-se de um gesto que demanda contextualização, já que, de maneira isolada, poderia significar algo diferente. Dentro dessa classificação ainda podemos delimitar os *gestos reguladores* (mais associados a gestos quantitativos, que querem dizer “muito”, “pouco”, “menos”, entre outros) e os *gestos*

indicadores, mais relacionados a questões geoespaciais (do tipo “aquela pessoa”, “aquele lado”, “para lá” etc.). (SANTOS, 2018)

Já os *gestos emblemáticos* são aqueles diretamente ligados à comunicação falada, mas que, por si só, já teriam um significado definido. Bom exemplo é o ato de se colocar um dedo em frente à boca para indicar a necessidade de silêncio (SANTOS, 2018). Ocasionalmente o corpo recorre a gestos emblemáticos para enviar mensagens inconscientemente – especialmente quando o sujeito não consegue verbalizar o que deseja. Exemplos nesse sentido são o arregalar de olhos para demonstrar o espanto ou a gravidade diante de um acontecimento, ação ou postura. Ou o balançar da cabeça, num gesto de negação, para indicar contrariedade ou, ainda, perplexidade.

Os *gestos MAP*, por sua vez, estão geralmente associados à ansiedade ocasionada por certos ambientes ou situações. Ocorrem geralmente em função de altos picos de adrenalina no corpo, quando o indivíduo se sente desconfortável. Um exemplo é o gesto de abraçar-se a si mesmo em situação desencadeadora de medos ou receios. Ou de acariciar-se como forma de gesto pacificador em situações de potencial conflito. Podem ser gestos conscientes ou involuntários. E são movimentos que, dentro de uma linha de base, são capazes de indicar como o(a) interlocutor(a) se sente ou se aquilo que ele(a) diz é potencialmente verdadeiro.

No campo da prática jornalística, esses são elementos interessantes para a discussão das técnicas de entrevista – exatamente porque a linguagem corporal é reveladora não apenas das intenções do narrador (seja ele entrevistado ou entrevistador), mas também do potencial dos temas postos em diálogo, da sensibilidade e sagacidade dos interlocutores diante das questões colocadas.

Um ótimo exemplo do impacto que a comunicação não verbal tem nos diálogos pode ser evidenciado no primeiro debate presidencial televisionado, ocorrido em 1960, nos Estados Unidos, entre o Richard Nixon (1913-1994) e John F. Kennedy (1917-1963). (TAMBORIM, 2016). Nesse embate, os candidatos notaram a importância da comunicação não-verbal, pois, na época, cerca de 88% da população americana já tinha acesso a aparelhos de televisão, e esse foi o fator de grande importância naquele evento em frente às câmeras. Naquela ocasião, as pessoas que acompanharam o debate pela TV e aquelas que acompanharam pelo rádio tiveram impressões diferentes acerca de cada candidato. Enquanto Kennedy se mostrava melhor aparência física e postura vigorosa, Nixon parecia um pouco debilitado e sua postura não demonstrava segurança. Passava, inclusive, a ideia de estar sob grande ansiedade naquele momento. Vários fatores próprios da linguagem corporal são percebidos logo de início do vídeo. Um exemplo: assim que a câmera abre é possível ver que Nixon não mantém contato

visual com a câmera e olha para Kennedy, o que é considerado um sinal de submissão, pois é como se ele estivesse dizendo que o foco não era ele e, o próprio Kennedy. Nixon assumiu, ainda, uma postura conhecida como “instância do corredor” (TAMBORIM, 2016), que é, basicamente, um gestual indicador de que, a qualquer momento, ele pode deixar a sala em função de seu constrangimento. Essa postura não passa boa impressão para o telespectador, pois mostra o quão desconfortável o sujeito se sente. Nixon segura sua perna direita, um gesto MAP (manipulador, adaptador e pacificadores), que costuma ocorrer quando a pessoa está muito ansiosa. Em outro momento, o candidato republicano se agarra ao braço da cadeira (outro gesto MAP, em que a pessoa se agarra a algo na tentativa de se proteger). Nesse instante, é possível observar que Nixon mantém a mão fechada em punho e o dedo em riste, gesto comumente considerado agressivo, uma vez que está relacionado ao hábito de dar ordens.

Tudo isso ocorreu em apenas alguns segundos, ainda no começo da entrevista, mas foi o bastante para que grande parte dos telespectadores formasse sua opinião sobre as duas figuras em disputa. Essa primeira impressão se transformou, assim, em um forte fator contra Nixon, já a partir do debate. Muitos estudiosos da mídia acreditam que essa entrevista foi decisiva para as eleições daquele ano, que deram a vitória a Kennedy. Curiosamente, as análises mostraram que, naquele dia, quem assistia à TV garantia a vitória a Kennedy, ao passo que quem acompanhava o debate pelo rádio tinha melhor impressão de Nixon (TAPPER, 2016). Acredita-se, ainda hoje, que Nixon parecia mais preparado para as perguntas e questionamentos, mas a maneira o candidato se comunicou com o corpo o teria desfavorecido.

Após esse evento, passaram-se 16 anos até que os norte-americanos decidissem televisionar novos debates, tamanho o impacto que esse episódio teve nas eleições presidenciais daquele ano. É inspirada nesse e em outros efeitos decorrentes da comunicação corporal – principalmente no âmbito da prática jornalísticas – que essa pesquisa se foca na entrevista concedida pela cartunista Laerte ao Programa Roda Viva, na edição que foi ao ar em 20 de fevereiro de 2012. Espera-se que essa análise permita reflexões valiosas sobre as maneiras como o sujeito se comunica e como isso pode influenciar o processo de condução de uma entrevista no campo jornalístico.

3 O RODA VIVA – UM PALCO PARA A FALA DO CORPO

O Roda Viva é produzido e transmitido pela emissora pública TV Cultura, sediada em São Paulo. O programa de entrevistas, criado pelo jornalista Rodolpho Gamberini, teve sua primeira transmissão em 29 de setembro de 1986, com uma entrevista a Paulo Brossard, político, ex-ministro da Justiça e ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, falecido em 2015. O mediador foi o próprio Gamberini. Os demais participantes foram Ademir Malavasi, Augusto Nunes, Boris Gorentzvaig, Cacá Rosset, Caio Gorentzvaig, Cláudio Abramo, Eduardo Muylaert, Fernando Marques, Getúlio Bittencourt, Ivo Lima Guerra, João Batista de Andrade, José Alves de Oliveira, José Carlos Salvagni, Lenildo Tabosa Pessoa, Margarida Genevois, Maurício Tragtenberg, Miriam Leitão, Paulo Moreira Leite, Percival de Souza, Norival Guadagnin, Rubens Lazzarini, Waldomiro Cordeiro e Vinícius Caldeira Brant.⁴

O piloto – que só foi divulgado em 2011, em comemoração aos 25 anos do Roda Viva – foi com o cineasta Roberto Santos. O programa, que foi gravado no dia 12 de setembro de 1986, teve em sua bancada Djalma Batista, Miroel Silveira, Marcelo Amadei, Zita Bressane, Marcos Ferman, David José, Chico de Assis, Edmar Pereira e Rodolpho Gamberini como mediador.

O Roda Viva é o mais antigo programa de entrevista da TV brasileira: está no ar há mais de 33 anos. É reconhecido por ser um talk show jornalístico que possibilita o debate a partir das entrevistas – um formato singular em relação a outros modelos televisivos.

3.1 O formato

O programa é transmitido nacionalmente por todos os estados do país, às segundas-feiras, no horário das 22 horas – e reprisado aos sábados. Em seu formato, não há um perfil definido de entrevistadores, já que a atração aborda os mais diversos temas, desde arte e cultura até política e economia, entre outros. Em função dessa característica, os entrevistadores mudam a cada programa, dependendo da questão a ser debatida.

Em agosto de 2020, as entrevistas passaram a ser mediadas pela jornalista Vera Magalhães, a décima quinta mediadora no programa desde sua estreia. Além dela, outros nomes de peso já exerceram a mesma função. Além de Gamberini (1986–1987), ocuparam o posto Augusto Nunes (1986–1989; 2013–2018), Jorge Escosteguy (1989–1994), Rodolfo Konder

⁴ Informações retiradas dos sites; Memória Roda Viva, da página na Wikipédia referente ao programa Roda Viva e a página do programa na emissora TV Cultura.

(1990), Roseli Tardelli (1994), Heródoto Barbeiro (1994–1995; 2009), Matinas Suzuki Jr. (1995–1998), Paulo Markun (1998–2007), Lillian Witte Fibe (2008), Carlos Eduardo Lins da Silva (2008), Marília Gabriela (2010–2011), Mario Sergio Conti (2011–2013), Ricardo Lessa (2018–2019) e Daniela Lima(2019). A lista de nomes revela os vários “rostos” que o programa já assumiu – do ponto de vista da postura, do estilo e características jornalísticas. Cada mediador contribui para a “personalidade” das edições que mediaram, cada um com seu modo singular de direcionar o programa. Quem ocupa essa função é responsável por intervir durante as discussões, orientar aquele que fará a próxima pergunta ou iniciar um debate acerca de outro tema. É tarefa do mediador evitar exageros, desequilíbrios e discussões desnecessárias – como o episódio registrado no ano de 1994, quando uma discussão tensa entre o ex-governador Orestes Quéricia e o jornalista Rui Xavier obrigou o então mediador, Heródoto Barbeiro, a passar a palavra a outro entrevistador, interrompendo a “contenda”. O mediador é a figura central, que redireciona temas e debates, fazendo com que a entrevista aconteça com fluidez (BRAGA, 2006).

O formato do programa, em si, é simples em sua estrutura. Nele, o entrevistado se acomoda em uma cadeira, no centro de um círculo com todos os entrevistadores ao seu redor. O cenário é composto por três bancadas e, entre cada, posiciona-se uma câmera. O desenho remete ao Coliseu de Roma – um teatro de arena da Antiguidade, onde se realizavam lutas entre gladiadores ou contra animais selvagens. A arena foi construída por Vespasiano⁵.

Nome e cenário do programa se juntam, então, para formar uma identidade. O nome Roda Viva sublinha a forma física do cenário circular e a forma como as câmeras se movimentam, principalmente na abertura. Na concepção de Braga (2006), a imagem traz, assim, ressonâncias simbólicas, a começar pelo design. O participante, aqui, é convidado a entrar na roda, mas não apenas isso. Ele vai enfrentar uma roda viva de perguntas atiradas de todas as direções.

Logo no começo de cada programa, apresenta-se uma pequena história centrada na trajetória da pessoa a ser entrevistada. Com imagens de arquivo e narração em off, são apresentados ao telespectador os fatos mais marcantes e importantes daquela pessoa – o que quase sempre se relaciona à profissão e história de vida do(a) entrevistado(a). Através desse vídeo, que dura poucos minutos, geralmente, é possível entendermos a importância dessa personagem cuja figura será o centro do programa.

⁵ **Tito Flávio Vespasiano Augusto** foi um imperador romano. Tornou-se famoso, entre outros feitos, pela autoria de projetos de construção como o do Anfiteatro, que, popularmente, passou a ser conhecido como Coliseu Romano.



Figura 4: Roda Viva entrevista Carlos Augusto Ayres de Freitas Britto, jurista e professor, em 22 de julho de 2019.

Fonte: Elaboração do autor.

A pessoa entrevistada, graças à cadeira giratória em que se instala, está sempre frente a frente com cada entrevistador. A cada vez que gira o corpo, está totalmente exposta àquele que vai lhe abordar – e também às câmeras, todas posicionadas em lugares diferentes ao longo do círculo que se forma naquele espaço. Lillian Aarão, na tese intitulada *A palavra questionada em entrevistas do programa Roda Viva*, observa como esse ambiente é similar ao Coliseu também sob o aspecto dos movimentos dessas câmeras – e como se faz presente um estratagema metalinguístico:

Esses espaços já foram interpretados por historiadores como parte de uma política para alimentar e divertir a população ociosa e também como local onde povo e o Imperador se confrontavam. Nessas duas concepções, a ideia que se destaca e que é peculiar às duas é a do conflito em espaço público. (...) No centro do palco, estão personalidades fisicamente presentes diante dos seus interlocutores, com o direito à alternância nos turnos de fala, numa situação de enfrentamento. A cada semana, a primeira imagem do programa é a tomada aérea do estúdio, em espiral, que vai se fechando sobre o entrevistado, dá um giro rápido pelos entrevistadores até parar no jornalista mediador que inicia o programa. Trata-se, pois, de uma estratégia metalingüística, no sentido de evidenciar o intuito do programa, bem como o seu nome. (ARÃO, 2008, p 23)

Os entrevistados então são questionados acerca dos mais diversos temas, em geral polêmicos. Mas ao contrário de outros programas, o personagem central não precisa competir

pela palavra. A cada questionamento feito por um dos interpeladores, ele terá tempo para expor sua resposta, sua ideia. Importante observar que os entrevistadores convidados – que variam em número, de edição para edição – são especialistas ou conhecedores das áreas em que o entrevistado atua (ou dos circuitos nos quais ele transita) e, frequentemente, pertencem a importantes instituições e meios de comunicação do país. Parte expressiva desse grupo de interpeladores está ali exatamente para desenvolver linhas de raciocínio muitas vezes contrárias àquelas trabalhadas pelo entrevistado. Assim, a pessoa abordada está cercada e totalmente sujeita ao exercício do questionamento.

Assim, trata-se de um programa jornalístico revelador dos mais variados aspectos relacionados às técnicas da entrevista jornalística – desde o domínio do assunto abordado até as táticas para provocar certas reações no entrevistado em busca de uma resposta satisfatória, passando pela postura adotada em casos de divergências explícitas, ou pela habilidade de se lidar com questionamentos, seja de onde emergirem. É possível, por exemplo, observar entrevistados e entrevistadores mais sinceros, outros menos, os que preferem o embate direto, os que “fogem”.

Um elemento importante nesse formato de programa é a relação estabelecida entre os entrevistadores e o mediador. Ela é fundamental pelo direcionamento que se dá ao debate e pela orientação que define a maneira e a ordem como cada questionamento deve se dar. Isso porque o programa, além de ser transmitido ao vivo, é marcado constantemente pela possibilidade do conflito entre os interlocutores – que não são necessariamente jornalistas.

Um aspecto interessante desse tipo de programas é o fato de que os participantes não são necessariamente gente de televisão – assim, o formato deve, de algum modo, ser um dispositivo social no qual o participante possa desempenhar o seu papel espontaneamente, dirigido apenas pelo “ambiente” e pelas marcas da própria conversação, ajudado pelas indicações “ao vivo”, no próprio desenvolvimento da troca, feitas pelo moderador. (BRAGA, 2006, p 3)

No início de cada programa, o(a) mediador(a) do *Roda Viva* explica como o programa se desenvolverá. Paralelamente à fala desse mediador, dá-se o movimento da câmera, que se move da parte central, do alto do estúdio, até o entrevistado. Nesse momento, esse(a) mediador(a) está terminando de apresentar o convidado ou a convidada, assim como as pessoas que farão a entrevista. Em todas as edições, também está posicionado, sempre num plano mais elevado que a figura a ser entrevistada, um cartunista – a quem cabe esboçar, num desenho, os momentos mais curiosos e interessantes do debate.

A imagem exibida, então, passa a ser da pessoa entrevistada, sentada naquela cadeira central e giratória, no meio do círculo. A partir daquele momento, essa pessoa pode girar o corpo à vontade – seja para encarar seu interlocutor, seja para ignorá-lo, se assim preferir.

3.2 As entrevistas: acesso, formatos e singularidades

Com mais de mil programas desde o início de sua exibição, o Roda Viva já recebeu importantes nomes de variados campos – arte, política, economia e esportes, bem como grandes nomes da academia. Entre as pessoas entrevistadas, estão personalidades como os políticos Leonel Brizola, Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso, Paulo Maluf e Enéas Carneiro, as atrizes Hebe Camargo e Dercy Gonçalves, o professor e geógrafo Milton Santos, o antropólogo Darcy Ribeiro, o teólogo e frei Leonardo Boff, entre muitas e expressivas personalidades do país.

O formato do programa permite que essas entrevistas sejam seguidas de momentos geralmente interessantes de debate. Levadas ao ar semanalmente em TV aberta nacional, são entrevistas transmitidas também pela internet. O conteúdo é, assim, oferecido por meio de plataformas como o Facebook, o YouTube e o Twitter, além do site da própria TV Cultura, que pode ser baixado no celular via aplicativo. Importante citar, o canal no YouTube, criado em maio de 2006, e que já publicou quase 2 mil vídeos para seus quase 800 mil inscritos. Além disso é possível encontrar várias entrevistas transcritas do programa no site do projeto Memória Roda Viva⁶, um projeto que envolve várias instituições como Fundação Padre Anchieta, FAPESP e UNICAMP.

São aspectos importantes porque dizem respeito ao amplo alcance dessas entrevistas – e dos debates e reflexões que elas suscitam em meio ao cotidiano dos telespectadores e do público do universo online, incluindo as pessoas com deficiência auditiva – pois o programa, desde 2018, conta com tradução simultânea em libras. Outro aspecto singular diz respeito ao esforço para a viabilização dos diálogos e debates propostos com personalidades consideradas essenciais para travar discussões em determinados contextos. Exemplo: o programa é sempre gravado no estúdio, ao vivo, mas já foi realizado em outro local exatamente para proporcionar ao público uma conversa específica. Foi o caso da entrevista a Fidel Castro, em 1990. Naquela ocasião, o programa foi gravado fora dos estúdios da Cultura, a despeito do pouco orçamento. Era a segunda vez que Castro, que então já governava Cuba por três décadas, estava no Brasil.

⁶ Disponível em: <https://rodaviva.fapesp.br/>

Naquela ocasião, o debate se deu em torno das mudanças previstas para Cuba no novo milênio que se anunciava, as relações com o governo brasileiro, a questão dos atentados locais e também outros temas relacionados à União Soviética, Perestroika e à liberdade de imprensa. Alguns temas geraram polêmica, como também se observou em entrevistas de grande repercussão, como as de Enéas Carneiro (1994), Leonel Brizola (1987), Paulo Maluf (1995) e Orestes Quécia (1994).

Para incrementar certas discussões, o programa já experimentou, em alguns momentos, formatos diferentes daquele fundado na ideia de um sujeito posicionado no centro da “arena”. Por mais de uma vez, o cenário central foi palco para mais de um entrevistado, como no caso de Leandro Karnal e Luis Felipe Pondé (2016), Lawrence Wright e Robert Fisk (2007), e os irmãos gêmeos Paulo Caruso e Chico Caruso, em 2013. Paulo Caruso, aliás, é um cartunista que, além de ter sido entrevistado pelo programa, foi, por pelo menos três décadas, responsável pelas charges do programa.

Em outros momentos, o Roda Viva também já contou com a participação de uma pequena plateia de convidados, posicionados um patamar acima dos entrevistadores – e que representavam os telespectadores em casa, fazendo alguma mediação quanto a alguns temas, sempre por meio de plataformas e redes sociais *online*. Houve, ainda, algumas edições em que as entrevistas se deram no formato de programa de debates, com personalidades de destaque no campo da discussão proposta – caso de figuras do meio político ou de especialistas e estudiosos de temas ligados à sexualidade, por exemplo.

De uma forma ou de outra, observa-se que o formato do programa – considerando especialmente o cenário e a composição da bancada – é responsável pela criação de uma certa narrativa. Os entrevistadores não estão ali para julgar, mas para expor e conhecer melhor sobre o tema versado pelo entrevistado, e que é sempre de interesse público. Mas, não poucas vezes, essa narrativa estimula o conflito de opiniões. Daí a importância não apenas da figura do mediador, mas da desenvoltura do entrevistado. Esse entrevistado deve pensar não apenas na própria fala, mas na maneira como essa fala se dará. Ou seja, precisa pensar em como reagir aos questionamentos – principalmente porque terá pela frente uma série de perguntas feitas por pessoas de pensamentos distintos (e que podem elencar questões que o entrevistado preferiria não abordar).

Esse é um aspecto muito presente no nome de programa. Nessa “roda viva”, o entrevistado sabe que, além de estar bastante exposto ao aceitar participar daquela “arena”, precisa estar preparado para responder a questionamentos com os quais não deseja lidar. Existe, nesse sentido, uma intenção, por parte do programa, de estimular certa tensão. Os

entrevistadores convidados se preparam, antes da entrevista, coletando informações, dados estatísticos, postagens e outras entrevistas para afrontar o entrevistado, como observa Silva (2011):

Para legitimarem seu papel de vigilância, os jornalistas chegam ao Roda Viva bem preparados, dispostos de dados estatísticos, declarações de fontes oficiais divulgadas pela mídia, declarações do próprio entrevistado e informações adicionais a fim de entrarem na arena com argumentos suficientemente convincentes para a batalha discursiva que irá se travar ali. Por isso, muitas vezes os jornalistas se credenciam ao mostrar para a audiência que sua reivindicação diante do entrevistado é embasada numa apuração anterior à cena, por meio de enunciados como “nós conversávamos aqui, antes do programa [...]”³². A TV Cultura corrobora com essa atitude fornecendo previamente aos entrevistadores convidados um material contendo os principais aspectos do assunto e do entrevistado da rodada, o que permite que eles entrem no debate munidos de informações adicionais e com perguntas já elaboradas, o que desequilibra a conversa e põe os entrevistadores em posição de vantagem. (SILVA, 2011, p 62)

Essa captação de informação prévia não tem, entretanto, somente essa função de “cercar” o entrevistado. Ela é, também, uma ferramenta importante para proporcionar melhor entendimento daquilo que está em debate e a maneira como os fatos colocados são enquadrados (pelos entrevistadores, mas também pelo próprio). Outro aspecto dessa “captação prévia de informações” é que ela, não raras vezes, é capaz de provocar inquietações – e essas inquietações podem levar as pessoas a alguma exaltação de ânimo (seja pela pergunta em si ou pela postura daquele que interpela). Nesse momento, o corpo (de entrevistadores e entrevistados) começa também a “falar”.

Quando o corpo começa a se comunicar, um novo universo se abre para os atores envolvidos na entrevista. Aquele que domina – que compreende, assimila e sabe explorar – cada gesto pode enriquecer o diálogo jornalístico estabelecido. Situações simples podem ser trabalhadas, tais como o posicionamento (afastado ou retraído) do entrevistado, sua entonação vocal (mais aguda, ou mais controlada), além de outros aspectos como, por exemplo, as expressões faciais e a postura corporal durante uma fala específica (ou após determinado questionamento).

Compreender o modo como o entrevistado age no instante em que se comunica com seu entrevistado é essencial para o desenvolvimento de uma boa entrevista. Quando uma pessoa se sente à vontade, ela tende a falar mais e a expor melhor suas ideias, além de se tornar mais comunicativa. O contrário ocorre se essa mesma pessoa se sentir ameaçada ou constrangida pelo outro. Jornalistas vivenciam esse tipo de situação diariamente, seja no momento de apurar uma pauta, seja no exercício das entrevistas, no contato com a fonte. Sabem que a maior ou

menor compreensão dessa linguagem corporal pode afetar o resultado final de história que pretendem contar. É preciso estar atento à palavra e ao corpo.

4 O PERCURSO DA COMUNICAÇÃO PELO CORPO: UMA ANÁLISE

Na noite de 20 de fevereiro de 2012 (noite de carnaval), a cartunista e criadora da série Piratas do Tietê, Laerte Coutinho, ou Laerte, participou, ao vivo, do programa Roda Viva. O tema central daquela entrevista – e dos debates que se seguiram a partir das questões levantadas – era a identificação da cartunista como transgênero e os efeitos dessa escolha no seu dia a dia, assim como em suas produções. Naquele ano, Laerte havia se tornado co-fundadora da ABRAT, a Associação Brasileira de Transgêneras.

Desse programa, mediado por Mario Sergio Conti, participaram a colunista e escritora Milly Lacombe, a psicanalista e também escritora, Ana Verônica Mauther, o professor da USP, Paulo Ramos, do Observatório de Quadrinhos da ECA-USP, e os cartunistas Angeli, Caco Galhardo e Paulo Caruso – este último responsável pelas ilustrações desenvolvidas ao longo dos debates. O programa durou 1 hora, 26 minutos e 11 segundos. Abaixo está a disposição dos personagens no cenário.



Figura 5: Posicionamento dentro do estúdio.

Fonte: Elaboração pelo autor.

Para melhor compreensão do exercício de análise proposto nesse trabalho, é importante saber mais sobre a entrevistada daquela noite. Laerte Coutinho nasceu no dia 10 de junho de 1951, na cidade de São Paulo, e é hoje reconhecida como uma das mais importantes cartunistas do país. Também foi roteirista de programas de televisão da TV Rede Globo, com destaque para o *Sai de Baixo*, a *TV Pirata* e o quadro *Vida ao Vivo*, do programa *Fantástico*. Também

foi responsável pelo programa *TV Colosso*. No cinema foi protagonista do curta *Vestido de Laerte* e, em 2017, foi tema de um documentário dirigido por Lygia Barbosa da Silva e Eliane Brum para a plataforma Netflix – *Laerte-se* –, que narrou sua história de vida e seu percurso nos campos da arte e dos cartuns.

Laerte recebeu prêmios importantes, como o do 1º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, já em 1974, com o trabalho de charge intitulado *O Rei Estava Vestido*. Quase vinte anos depois, em 1991, ela começou a produzir um de seus trabalhos mais populares, as tiras de *Piratas do Tietê*, pela Folha de São Paulo. Entre seus personagens mais notórios destacam-se Overman, Deus, Piratas do Tietê, Hugo Baracchini, Suriá, Muriel/Hugo e Lola, a andorinha. Importante destacar, aqui, que a personagem de Muriel/Hugo é um personagem *crossdresser*, que se alterna entre homem e mulher: Hugo vestia-se de Muriel. A partir dessa personagem, a cartunista narrava a vida cotidiana e todos os percalços da população Transgênero no Brasil. Segundo a própria desenhista, esse é um trabalho importante para seu próprio processo de aceitação de sua condição e afirmação como mulher trans – ou, como ela mesmo diz, “mulher possível” (Roda Viva, 2012).

Durante o programa, Laerte foi questionada sobre sua afirmação como *crossdressing*,⁷ sua transição e reconhecimento como trans. Falou também de como isso afeta sua vida pessoal e sua profissão. Mesmo diante dos amigos ali presentes (como participantes e entrevistadores), Laerte demonstrou, por vezes, grande desconforto e ansiedade – tal qual viria a confirmar, cinco anos depois, no documentário *Laerte-se*. À jornalista Eliane Brum, ela revela como se sente frequentemente desconfortável diante de câmeras, especialmente quando é o foco de atenção: “Eu tenho certa resistência em me ver como objeto de investigação, ou de uma tensão assim. E essa é uma coisa que incomoda nas entrevistas”.

Durante a entrevista no Roda Viva, é possível observar vários gestos e expressões que evidenciam esse sentimento. É o caso da respiração funda, do umedecimento dos lábios, dos afagos ao próprio corpo (chamados de “carícias pacificadoras” no campo de estudos da linguagem corporal), mutismos e sorrisos forçados. Para compreender esses movimentos – e articulá-los ao exercício da entrevista – é preciso, no entanto, definir alguns parâmetros sobre certos aspectos da comunicação corporal.

4.1 As “falas” do rosto e do corpo

⁷ O termo *crossdressing* refere-se a pessoas que se vestem e usam acessórios associados ao gênero oposto, embora, não necessariamente em função de questões atinentes à orientação sexual, uma vez que, em alguns, o ato de *crossdressing* está ligado a fatores como trabalho, artes e/ou a outras situações específicas.

Até em função do próprio formato, a linguagem corporal dos convidados do Roda Viva está bastante concentrada na região do rosto. É por meio das expressões faciais que o público consegue acompanhar os incômodos, as inquietações e as emoções das pessoas que se dispõem a sentar na cadeira giratória, posicionada no centro do círculo de entrevistadores. As câmeras posicionadas no estúdio captam variados movimentos faciais – embora também destaquem, por vezes, o gestual com o tronco, as mãos, braços e pernas. Todas essas partes do corpo “falam”.

Na face, estão muitos músculos que se contraem ou relaxam conforme as emoções experimentadas pelo ser humano. Abaixo, podemos ver uma ilustração dos principais ângulos estudados e analisados quando falamos de micro expressões e de expressões faciais.

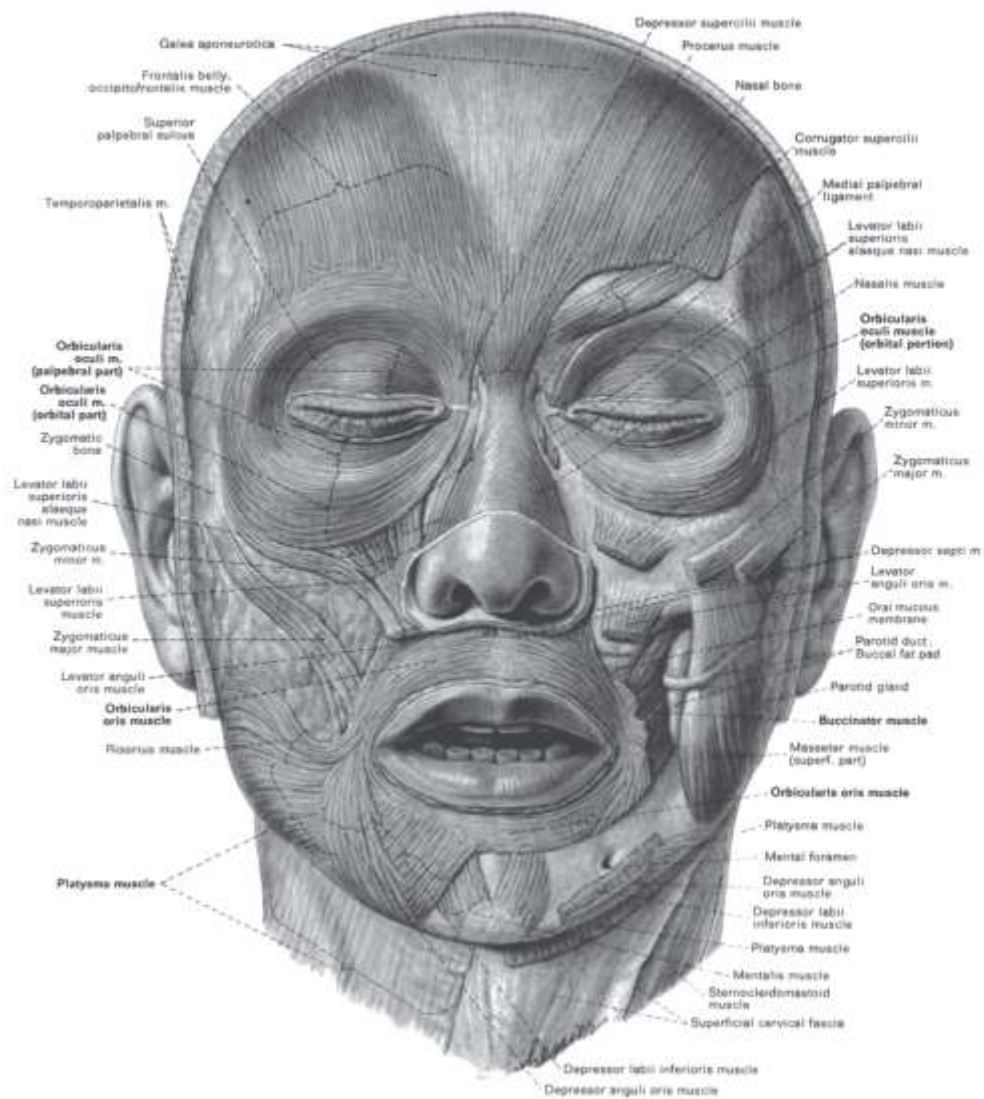


Figura 6: Mapeamento dos músculos da face.

Fonte: COHN, AMBADAR e EKMAN, 2005, p. 206.

Abaixo, a apresentação dos músculos e suas denominações, conforme as expressões elencadas:





AU e Músculo	Ação principal
<p>2</p> <p>Frontal - parte externa</p>	<p>Levanta a parte externa da sobrancelha</p> 
<p>4</p> <p>Cornugador do Supercílio + Próceros</p>	<p>Traciona a sobrancelha para baixo e medialmente, produzindo rugas verticais na frente.</p> 
<p>5</p> <p>Levantador da pálpebra superior</p>	<p>Levanta a pálpebra superior.</p> 
<p>7</p> <p>Orbicular do olho - parte palpebral e retratores da pálpebra inferior</p>	<p>Atua nas expressões de raiva.</p> 

Figura 7: F.A.C.S.

Fonte: Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal. Acessado em 15 de janeiro de 2020.





<p>9</p> <p>Levantador do lábio superior e da asa do nariz e músculo nasal - parte transversa</p>	
<p>10</p> <p>Levantador do lábio superior</p>	<p>Dilata a narina e levanta o lábio superior.</p> 
<p>12</p> <p>Zigomático Maior</p>	<p>Traciona o ângulo da boca para trás e para cima (risada).</p> 
<p>14</p> <p>Bucinator</p>	<p>Comprime a bochecha contra os dentes molares, puxa a boca para um lado quando atingido unilateralmente.</p> 

Figura 8: F.A.C.S.

Fonte: Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal. Acessado em 15 de janeiro de 2020.

<p>15</p> <p>Depressor do ângulo da boca</p>	<p>Deprime o ângulo da boca.</p> 
<p>17</p> <p>Mento</p>	<p>Eleva e projeta para fora o lábio superior e enruça a pele do queixo.</p> 
<p>27</p> <p>Pterigoide, Digástrico</p>	<p>Abertura ampla e provocada da boca.</p> 

Figura 9: F.A.C.S.

Fonte: Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal. Acessado em 15 de janeiro de 2020.

Através das contrações (ou não) desses músculos, é possível analisar determinadas emoções experimentadas por um sujeito. Ao todo, consideram-se, nesse tipo de exame, sete expressões consideradas basilares, uma vez que, a elas, qualquer indivíduo está sujeito: nojo, raiva, medo, felicidade, surpresa, tristeza e soberba. É o que Ekman chamará de “emoções básicas e universais”, como ressalta o psicólogo e professor Armindo Freitas-Magalhães, da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Fernando Pessoa, no Porto, em Portugal:

Os estudos realizados por Paul Ekman atestam as emoções básicas e universais através da assunção das seguintes premissas: 1) as emoções básicas são semelhantes em primatas, na esteira de Darwin; 2) as alterações psicofisiológicas são características de cada uma das emoções. Tais características apontam no sentido da existência de uma configuração filogenética milenar; 3) a verificação da denominada harmonia reativa e espontânea; 4) a intensidade e o ritmo do processamento dos estados emocionais é diferente dos ocorridos noutros estados afetivos; 5) a duração é limitada no tempo, apesar da vivência subjetiva perdurar no tempo; 6) as emoções básicas são viscerais, i. é., não há controlo da vontade e são predeterminadas pela psicofisiologia. Verifica-se, no entanto, uma percepção do processamento por parte do indivíduo, nada mais; 7) a universalidade das variáveis desencadeadoras e moderadoras é um dos critérios que, ainda hoje, levanta sérias reservas devido aos estigmas culturais próprios de cada região ou comunidade. (FREITAS-MAGALHÃES, 2011, p. 103)

Os estudos da linguagem corporal indicam, assim, que as sete emoções elencadas são universais por não dependerem de fatores como cor da pele, gênero, religião, país etc., ainda que possuam, cada qual, suas próprias características definidoras. O FACS, na condição de um sistema construído para acompanhar e verificar a maneira como se formam as expressões faciais a partir de certas emoções, apoia-se na observação dos movimentos musculares que modificam o rosto do sujeito, e que geram a mudança na expressão. Esse sistema, que anatomicamente destina-se a descrever os movimentos faciais observáveis, apoia-se na chamada Unidade de Ação – ou *Action Unit* (AU) –, que representa cada componente observável do movimento facial. Desta forma, para o exercício analítico, todas as expressões faciais identificáveis são decompostas, ou divididas, em AU's.

Mas como se dão essas macro e micro expressões faciais observadas pelos estudiosos da linguagem corporal? As macro expressões são mais comuns e duram algo entre meio segundo e quatro segundos no rosto. Já as micro expressões duram apenas frações de segundos. A intensidade também varia. As micro expressões possuem baixa potência, ao passo que as macro expressões são de intensidade alta. Além disso, as macro expressões, por durarem mais, podem ser forçadas (embora não seja uma regra), ao passo que as micro expressões são sempre

genuínas, pois ocorrem quando o indivíduo tenta esconder suas emoções – e isso se dá porque existe uma ligação direta entre a expressão em si e a parte do cérebro ligada às emoções (FREITAS-MAGALHÃES, 2013).

Nesse sentido, pode ser interessante, aqui, listar as sete emoções principais relacionadas às suas respectivas AU's e significados correspondentes (EKMAN *Apud* FREITAS-MAGALHÃES, 2013. P.153):

- Alegria (AUs 6+12 +25)
- Tristeza (AUs 1 + 4 + 15)
- Cólera (AUs 4 + 5 + 7 + 10 + 26)
- Medo (AUs 1 + 2+ 4 + 5+20+25)
- Aversão (AUs 7+10+25)
- Surpresa (AUs 1+2+5+25 ou 26).
- Desprezo (AUs 9+10+41+61 ou 62)

A alegria é uma emoção positiva de bem estar. Na sua Codificação básica são acionados os músculos AU6 (*Cheek Raiser and Lid Compressor* ou levantador das bochechas e compressor das pálpebras) + AU12 (*Lip Corner Puller* ou levantamento dos cantos dos lábios) + AU 25 (*Lips Part* ou separação dos lábios). “A emoção alegria, o pensamento é rápido, ao contrário da tristeza. a alegria é gerada devido à libertação de substâncias químicas como a dopamina e a noradrenalina.” (EKMAN *apud* FREITAS-MAGALHÃES, 2013, p.154)

A tristeza é uma emoção negativa causada pela perda de algo, entre outras múltiplas razões. Em sua codificação básica temos como movimentos do rosto, AU1 (*Inner Brow Raiser* ou levantador da parte interna das sobrancelhas) + AU4 (*Brow Lowerer* ou Abaixador das sobrancelhas) + AU15 (*Lip Corner Depressor* ou abaixamento dos cantos dos lábios).

A cólera (ou raiva) podem aparecer em determinados momentos de irritação, e pelos mais diferentes motivos. Podemos perceber-la no rosto através dos movimentos AU4 (*Brow Lowerer* ou Abaixador das sobrancelhas) + AU5 (*Upper Lid Raiser* ou levantador da pálpebra superior) + AU7 (*Lid Thigtener* ou tensionador das pálpebras) + AU10 (*Upper Lip Raiser* ou levantamento do lábio superior) + AU26 (*Jaw Drop* ou queda da mandíbula). (idem)

No medo, que ocorre quando o indivíduo sente perigo, temos como movimentos a AU1 (*Inner Brow Raiser* ou levantador da parte interna das sobrancelhas) + AU2 (*Outer Brow Raiser* ou levantador da parte extena da sobrancelha) + AU4 (*Brow Lowerer* ou Abaixador das sobrancelhas) + AU5 (*Upper Lid Raiser* ou levantador da pálpebra superior) + AU20 (*Lip*

Stretcher ou esticador da boca) + AU25 (*Lips Part* ou separação dos lábios). É uma emoção de defesa.

A aversão (ou nojo) é, geralmente, causada por algo que cause aversão ou repugnância. Seus movimentos são AU7 (*Lid Thigtener* ou tensionador das pálpebras) + AU10 (*Upper Lip Raiser* ou levantamento do lábio superior) + AU25 (*Lips Part* ou separação dos lábios).

Temos ainda a surpresa, que costuma durar pouco tempo na face, e acontece inesperadamente. Ocorre quando algo nos surpreende, e é codificada pela AU1 (*Inner Brow Raiser* ou levantador da parte interna das sobrancelhas) + AU2 (*Outer Brow Raiser* ou levantador da parte extensa da sobrancelha) + AU5 (*Upper Lid Raiser* ou levantador da pálpebra superior) + AU25 (*Lips Part* ou separação dos lábios) ou AU26 (*Jaw Drop* ou queda da mandíbula).

E por último, o desprezo, que pode ocorrer, por exemplo, quando o sujeito se sente superior ao outro. É mostrado na face através da AU9 (*Nose Wrinkler* ou enrugador do nariz) + AU10 (*Upper Lip Raiser* ou levantamento do lábio superior) + AU41 (pálpebra desce) + AU61 (*Eyes turn Left*) ou AU62 (*Eyes turn Right*).

Para cada expressão, existe uma configuração básica e específica.

As emoções básicas universais (ver Fig. 4.1.) são exibidas na face humana com uma configuração específica para cada uma delas. Alegria (cantos da boca erguidos), aversão (bochechas erguidas, nariz franzido, lábio superior levantado), cólera (sobrancelhas descaídas, olhos franzidos, lábios comprimidos), desprezo (queixo elevado, uma parte do canto da boca eleva-se ligeiramente), medo (sobrancelhas erguidas, olhos arregalados, boca aberta), surpresa (sobrancelhas arqueadas, olhos bem abertos, maxilar descaído) e tristeza (interior das sobrancelhas erguido, boca descaída). O desprezo (31) é a emoção que registra poucos estudos científicos. (FREITAS-MAGALHÃES, 2013.p 166)

Essas configurações acima apresentadas são algumas das principais apresentadas, relacionadas às emoções básicas apresentadas no FACS. No manual criado por Ekman, é possível observar 44 unidades de ação muscular. A codificação utilizada varia ainda em intensidade, simetria e duração (FREITAS-MAGALHÃES, 2013).

Para detectar as micro expressões faciais de qualquer interlocutor, o analisador deve levar em consideração as informações que tem sobre aquele indivíduo observado. Somente assim compreenderá efetivamente a razão daquela expressão naquele exato instante. Também é preciso levar em conta as informações relacionadas à simetria (entre os lados do rosto, exceto o desprezo que é a única unilateral, uma vez que as emoções forçadas podem ser assimétricas), a prototipagem (configuração das AU's elencadas em cada expressão relacionada a cada uma das emoções), o sincronismo (a duração do tempo de determinados movimentos no rosto, pois,

caso sejam sequenciais, podem indicar emoções forçadas), a duração da emoção (emoções verdadeiras costumam durar menos de meio segundo, ao passo que as falsas demoram mais, entre 1 e 5 segundos) e a intensidade (havendo cinco intensidades, *trace* (A), *slight* (B), *marked/pronounced* (C), *severe* (D), e *extreme/maximum* (E)) (EKMAN, FRIEZEN E HAGER, 1978). Quanto à simetria, devemos lembrar que expressões emocionais falsas podem ser detectadas, com dificuldade, a partir da assimetria, da ausência de movimentos musculares específicos — típicos das expressões genuínas, difíceis de realizar voluntariamente —, e das discrepâncias no timing da expressão (EKMAN, 2003).

No caso da prática jornalística, uma boa compreensão do gestual do outro exige um levantamento de dados consistente, capaz de informar ao máximo sobre o perfil do entrevistado. Isso é importante para direcionar o diálogo e definir aquilo que parece ser mais relevante e menos relevante na condução da entrevista. Por exemplo: uma pessoa que esteja respirando fundo e umedecendo os lábios dá sinais de que está amedrontada e ansiosa (o que pode comprometer ou enriquecer a conversa, dependendo do tema em pauta e da intenção do entrevistador). Gestos pacificadores (eventuais afagos que o entrevistado faz em si próprio, como que para se acalmar) ocorrem, em geral, quando o cérebro, de forma inconsciente, tenta descarregar certo grau de estresse. Isso mostra como certas informações sobre o entrevistado podem fazer a diferença nas escolhas do entrevistador sobre a melhor forma de interpelar o outro.

É preciso considerar também, sob esse prisma, que a linguagem corporal é cultural, ao passo que as expressões faciais são universais — em especial as micro expressões, que receberam especial atenção de Ekman (2011) em sua obra *Unmasking The Face* (1975). Abaixo, algumas das fotografias utilizadas por ele em seu estudo sobre as principais, e já mencionadas, emoções evidenciadas pelos músculos da face:

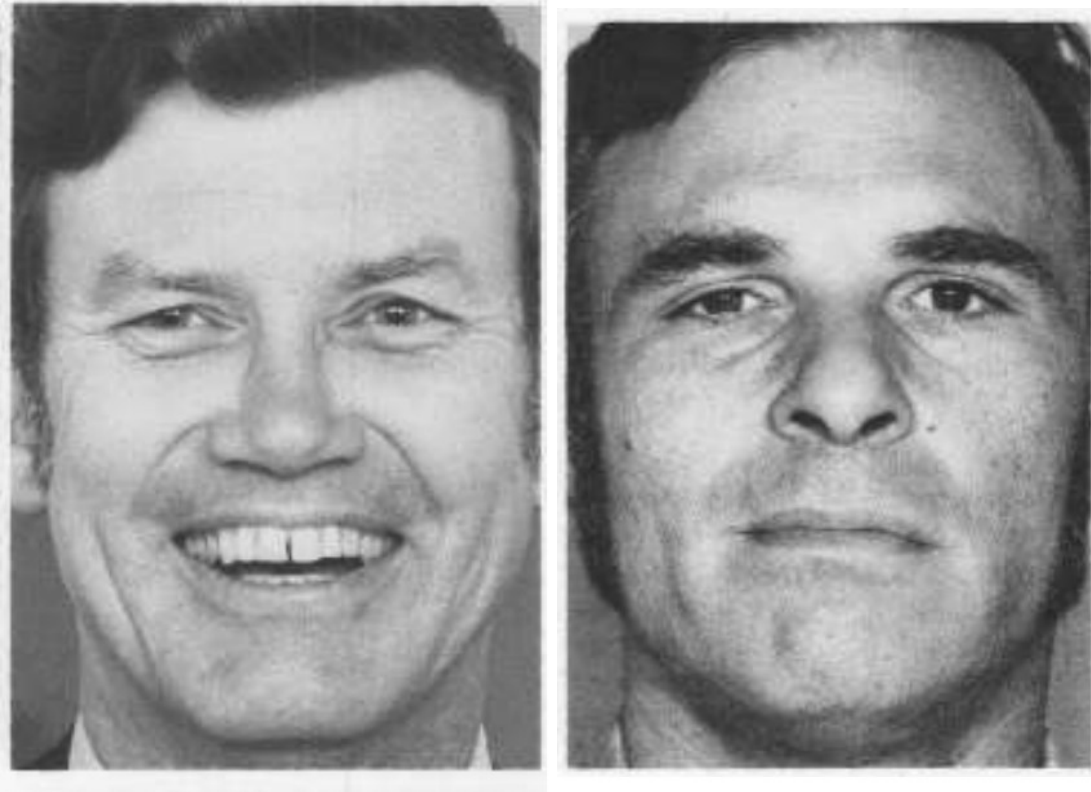


Figura 10: Alegria / Desprezo

Fonte: EKMAN (p.189 e 183)

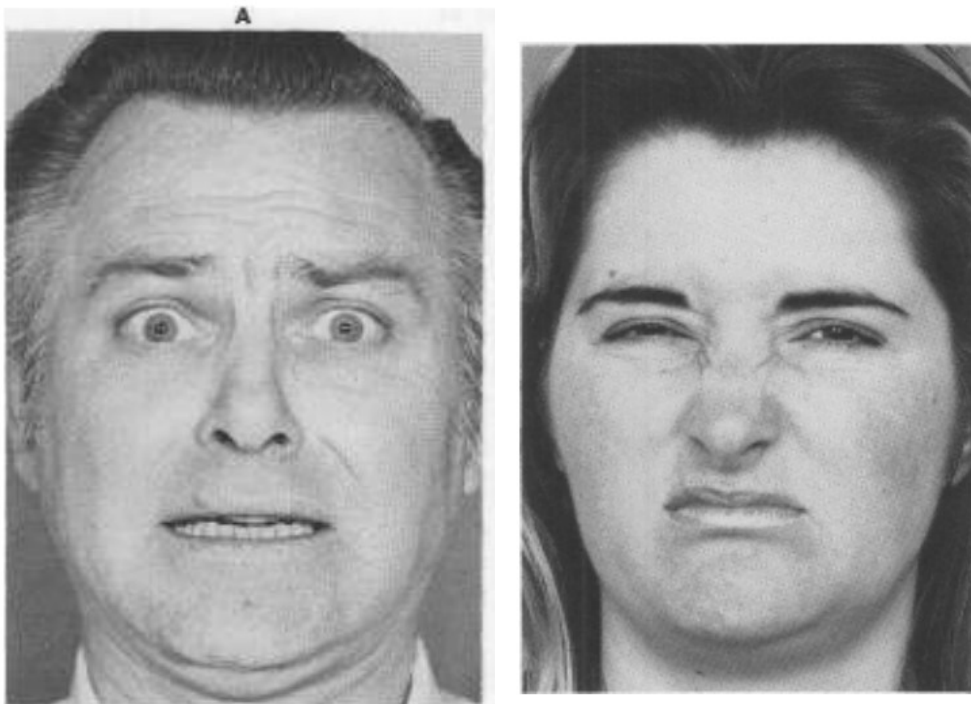


Figura 11: Medo / Nojo

Fonte: EKMAN (p.58 e 181).

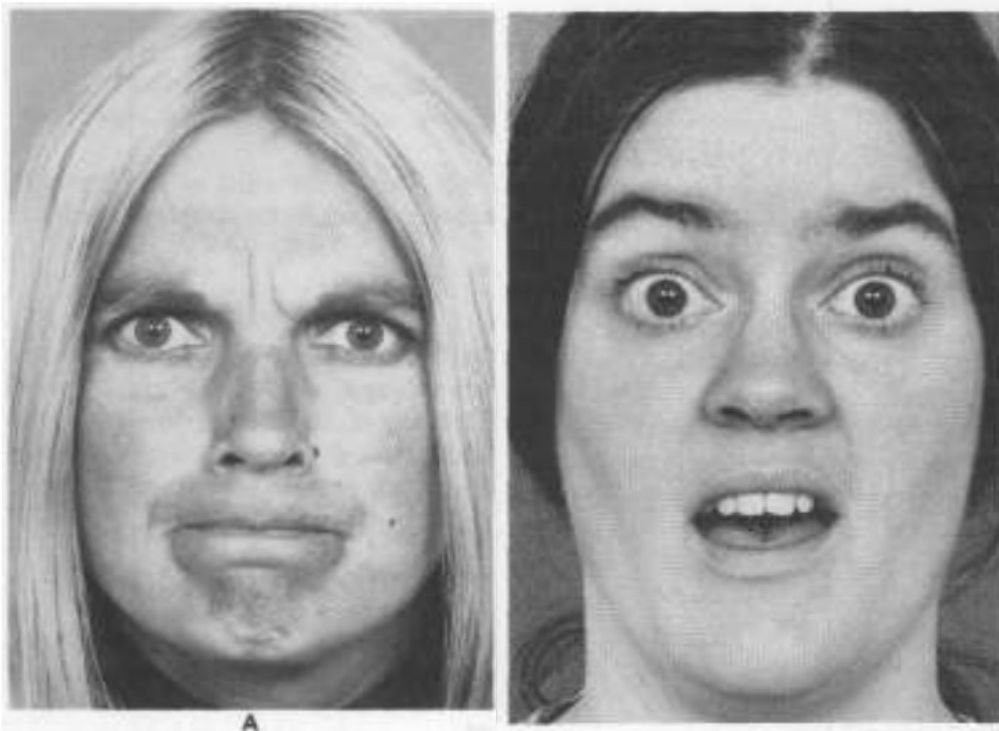


Figura 12: Raiva / Surpresa.

Fonte: EKMAN (p.97 e 175).



Figura 13: Tristeza

Fonte: EKMAN (p.193)

As demonstrações e exemplos trabalhados por Ekman mostram os principais elementos que, para esse autor, merecem a atenção de quem se dispõe a identificar certas expressões. Entre esses elementos, estão as sutilezas de alguns movimentos faciais:

Photographs show the facial blueprints of the major emotions-how surprise, fear, anger, disgust, sadness, and happiness are registered by changes in the forehead, eyebrows, eyelids, cheeks, nose, lips, and chin. Common confusions that plague the recognition of expressions of emotions are clarified by pictures highlighting the differences between surprise and fear, anger and disgust, sadness and fear. The subtleties of facial expressions of emotion are revealed in pictures that show the family of expressions for each feeling. Surprise, for example, is an emotion with a big family. There is not one surprise facial expression, but many-questioning surprise, dumbfounded surprise, dazed surprise, slight, moderate, and extreme surprise. The complexities of facial expressions are shown in photographs of how different emotions can blend into a single facial expression to show sad-angry expressions, angry-afraid expressions, surprise-fearful expressions, and so forth⁸. (EKMAN, 2003, .1)

Mas, para além das expressões faciais, há que se compreender ainda, a comunicação através do gestual do corpo. Como já se mencionou aqui, os gestos da comunicação não verbal podem ser definidos em gestos *ilustradores*, *emblemáticos* e os *MAP* (*Manipuladores*, *Adaptadores* e *Pacificadores*). Assim como as micro expressões, eles serão acessados para a análise da linguagem corporal presente em Laerte.

Nesse percurso, é preciso, em primeiro lugar, montar o que os estudiosos chamam de *linha de base* do personagem, que é o comportamento habitual de um indivíduo (NAVARRO; KARLINS, 2008). Para isso, deve-se levar em conta o ambiente em que essa pessoa está inserida, pois o modo como cada sujeito age em cada ambiente varia de acordo com sua personalidade. Por exemplo: por diferentes e variadas razões, uma pessoa pode agir de forma agressiva em seu ambiente de trabalho ainda que, no plano pessoal, ela se revele uma pessoa pacífica e amorosa. A construção dessa linha base também deve considerar o modo de ser desse indivíduo. Assim, algumas pessoas podem ser feitas para compor essa linha de base, tais como: que postura essa pessoa mais adota no seu dia a dia? Que gestos são próprios dela? Com que velocidade se dá a fala dessa pessoa, e qual entonação lhe é mais comum? São alguns dos

⁸ As fotos mostram os projetos faciais das principais emoções - como surpresa, medo, raiva, nojo, tristeza e felicidade são registrados por mudanças na testa, sobrancelhas, pálpebras, bochechas, nariz, lábios e queixo. Confusões comuns que atormentam o reconhecimento de expressões de emoções são esclarecidas por imagens que destacam as diferenças entre surpresa e medo, raiva e repulsa, tristeza e medo. Os laços sutis de expressões faciais de emoção são revelados em fotos que mostram a família de expressões para cada sentimento. Surpresa, por exemplo, é uma emoção com uma grande família. Não há uma expressão facial de surpresa, mas sim surpresa questionadora, surpresa estupefata, surpresa atordoada, surpresa leve, moderada e extrema. As complexidades das expressões faciais são mostradas em fotografias de como diferentes emoções podem se misturar em uma única expressão facial para mostrar expressões de tristeza e raiva, expressões de raiva e medo, expressões de surpresa e medo e assim por diante. (Tradução livre)

questionamentos úteis antes de interpelar um entrevistado. Significa refletir, por algum momento, sobre a maneira mais geral como determinada pessoa se comporta.

Numa segunda etapa, é necessário observar as alterações observadas nessa linha de base. Aqui, como observa Vítor Santos (2017), leva-se em conta a regra dos três C's (clareza, concisão e cortesia). A *clareza* se traduz na transparência do que é dito; a *concisão* se relaciona ao grau de objetividade presente no diálogo; e a *cortesia* diz respeito a uma preocupação com a maneira como o outro receberá a mensagem falada (SANTOS, 2017).

Há, ainda, dentro da comunicação não verbal um elemento que decorre do campo da *proxêmica* – um termo da antropologia utilizado para o estudo das relações que envolvem a proximidade ou o distanciamento entre pessoas e objetos em situações de interação. Os pesquisadores da linguagem corporal apontam, por exemplo, que, em geral, quando se concorda com algo ou se está interessado, o sujeito costuma se aproximar de quem está falando. O movimento contrário, o afastamento, é observado pelas razões opostas, isto é, quando o indivíduo não aprecia ou quando discorda daquele que o interpela (SANTOS, 2016).

4.2 O corpo escolhido

Para fazer a análise aqui proposta, é preciso construir uma linha de base capaz de revelar algumas das nuances importantes que se fazem presentes na figura de Laerte – como ser humano, como profissional e como transgênero. Para isso, alguns aspectos serão retomados. Laerte é cartunista reconhecida nacionalmente e internacionalmente. Também é atriz, escritora e roteirista. E é, sobretudo, uma ativista desde o início da carreira. Realizou trabalhos importantes de resistência ao regime militar durante o período ditatorial brasileiro e publicou várias obras, a maioria contendo relevantes críticas a qualquer tipo de opressão. Trabalhou para veículos como a revista de economia *Banas*, a *Placar*, a *Balão* (fundada junto com o amigo Luiz Gê), *Chiclete com Banana*, *Geraldão e Circo*. Já publicou também no jornal *O Estado de São Paulo* e na *Folha de S. Paulo*. A partir de 2015, alargou sua atuação no campo jornalístico, passou a comandar uma das séries de TV do Canal Brasil – *Transando com Laerte* – na condição de entrevistadora. Em função dessa trajetória que mistura arte, ativismo e jornalismo, revela-se, assim, um corpo interessante à proposta desse trabalho.

O que Laerte simboliza hoje para o segmento social transgênero do país é outro ponto importante – e talvez por isso mesmo tenha se transformado no eixo da entrevista proposta a ela pelo programa *Roda Viva*. Hoje, a cartunista é também reconhecida como um ícone dos transgêneros no país. O processo de *crossdressing* iniciou-se no ano de 2010, quando ela tinha

58 anos. Numa entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, revelou que havia decidido passar a se vestir com roupas e acessórios femininos, declarando-se transgênero. Na época Laerte vivenciava uma relação afetiva com uma mulher. Como chega a dizer durante sua entrevista, o ato do *crossdressing* não quer dizer necessariamente que uma pessoa é homossexual. Na concepção dela, héteros são igualmente livres para aderir ao *crossdressing*.

Desde então Laerte também passou a se entender de outras formas: como travesti, mulher transgênera e/ou “mulher possível”. Tornou-se também uma importante ativista pelos direitos LGBT”s e reforçou sua militância política. Para a cartunista, a sociedade continua, em pleno século XXI, restrita a pensamentos conservadores quanto à orientação, gênero e sexualidade. Pessoas que não se enquadram nesses padrões tradicionais de homem/mulher, macho/fêmea e heterossexualidade ainda sofrem diversas dificuldades em sua vivência diária. Sendo assim, o corpo de um transgênero é um corpo poderoso porque carrega uma agenda de lutas contra a discriminação.

Segundo Ávila (2010), os corpos que não se encaixam em padrões *cis* gêneros continuam sendo marginalizados, sofrendo opressões e vivendo à margem da sociedade, como no caso de transgêneros. A transgeneridade pode ser descrita por pessoas que sentem que pertencem ao gênero oposto ao que nasceu, a ambos os gêneros ou nenhum dos dois, nem como homem e nem como mulher. Um homem trans é o indivíduo que nasceu com o órgão sexual feminino, mas se identifica como homem. Uma mulher trans seria então aquela que nasceu com o órgão reprodutor masculino e se identifica como mulher. O sexólogo David Cauldwell foi o primeiro a usar o termo transexual em 1949, em um artigo onde usou o termo *Transsexualis psychopathia*, referindo-se a um pedido de "transmutação" de mulher para homem, mas antes do termo surgir outros como Harry Benjamin já estudavam o tema (ÁVILA, 2010).

Dentro da transgeneridade o indivíduo pode se identificar como transexual, travesti, *drag queen*, *drag king* ou intersexual. Segundo relatório da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA), a transexualidade faz parte da comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexuais e outros segmentos diversos de sexualidade e gênero), mas contém uma agenda e reivindicações específicas. Entre essas reivindicações, estão, por exemplo, a mudança de nome, o acolhimento social respeitoso nos mais diversos espaços da sociedade, em especial nos setores da saúde e segurança pública – até porque tudo isso está estreitamente ligado à luta contra a discriminação e pela inclusão, pelos direitos civis e por lugares dignos no mercado de trabalho.

De acordo com a Associação, o Brasil continua sendo um dos países com maior número de pessoas trans mortas. Em 2020 o país totalizou 175 mortes e ficou em primeiro lugar em

número de pessoas trans assassinadas (ANTRA,2021). Nesse cenário, Laerte só se reconheceu publicamente como mulher trans aos 52 anos. Em mais de uma entrevista, a própria cartunista chegou a comentar sobre as dificuldades que enfrenta para agir com liberdade em relação às construções morais com as quais conviveu durante toda a vida. Conta que, em seu processo de transformação, sentiu pânico algumas vezes.

Até que se assumisse como trans, Laerte já tinha passado por três casamentos, e teve três filhos: Rafael Coutinho, Laila Coutinho e Diogo Coutinho (falecido em 2005). Para ela, não há problema em ser chamada de ele, ou de pai ou avô. Durante a entrevista ao Roda Viva, a cartunista contou os detalhes de como se deu seu processo de aceitação e o papel da tirinha Hugo/Muriel nesse processo. Relatou que, no ano de 2009, depois de uma sequência específica de HQ na Overture, na qual Hugo aparecia se vestindo de mulher, recebeu um e-mail de uma amiga que lhe dizia: “tá evidente demais”. Explicou, então, que Hugo virou Muriel ao mesmo tempo que “o” Laerte se tornou “a” Laerte – embora ela mesma não tivesse feito essa associação naquele momento.

A cartunista também diz, durante a entrevista, que seu percurso foi permeado de muitas dificuldades. Comenta, por exemplo, como, no ano de 2012, envolveu-se em uma polêmica relacionada ao uso de banheiros em lugares públicos. Laerte, que se reconhece como mulher trans, disse que se identifica como uma transgênera e, por isso, quer utilizar o banheiro feminino. O tema teve grande repercussão e, até os dias de hoje, o uso do banheiro escolhido pelas pessoas trans é foco de controvérsias.

Todos esses aspectos da *linha de base* são importantes para o momento de “olhar” para o gestual – de corpo e da face de Laerte. A ideia é buscar elementos que possam contribuir para um aprimoramento do exercício da sensibilidade durante a prática da entrevista. Compreender o outro. A partir da linha de base, segue-se, então, o exame dos momentos aqui selecionados, exatamente em função de seu caráter revelador da força da expressão corporal.



Figura 14: Laerte, tentando sorrir.

Fonte: Elaboração pelo autor.

A primeira vez que a psicanalista Anna Verônica Mautner dirige a palavra à entrevistada naquela edição do Roda Viva, Laerte tinha acabado de fechar um diálogo com Glauco sobre a maneira como ela enxergava o humor presente em seus próprios trabalhos antes de sua transição para o universo feminino. Logo em seguida, após um momento de descontração, o mediador passa a palavra para a psicanalista. Anna Verônica observa, em tom de brincadeira, que poderia ter sido deixada para o final, uma vez que “é costume o psico”coiso” (referindo-se a ela mesma, na condição de profissional da psicanálise) falar por último”, já que esse é o momento em que se “aproveita, junta tudo e tals”. É assim que ela começa o diálogo com a entrevistada.

Na sequência, a psicanalista pede que as câmeras mostrem “o” Laerte de “perfil até as coxas”. A cartunista, que até ali se permitia comentários engraçados e sarcásticos, chega a brincar: “e já tá rolando, viu”. Contudo, acaba retraída, ainda que não acuada, diante da fala de Anna Verônica. A certa altura, a psicanalista observa: “Se fosse uma moça, ela estaria incomodadíssima puxando (a parte inferior da vestimenta) pra baixo. Você só puxou a saia pra baixo antes de começar a gravação. Achei isso muito interessante de observar.” O assunto vestimenta continua sendo pauta na fala da psicanalista, que vai se aprofundando sobre a questão de como Laerte se veste. Afirma, inclusive, que a cartunista se considerava “moça de classe alta”. “Porque o travesti...”, continua Anna Verônica. Nesse momento (16’02), é possível perceber que Laerte, até então com um sorriso no rosto, muda repentinamente sua expressão facial. A psicanalista passa a falar, então, de questões que envolvem as classes sociais

representativas de certos segmentos, observando a maneira como o travestismo aparece nos extratos da população de renda mais baixa, ao passo que o *crossdressing* emerge nas classes de maior poder aquisitivo. A fala de psicanalista se encerra com outra observação sobre a vestimenta: “Mas não seria mais confortável, não, de calça comprida? Que não precisava puxar?” Laerte se descontraí novamente e diz que é “meio exibidinha”. A psicanalista, então, retoma a questão do *status* social: “Por que você, ao escolher o vestido, ao invés do traje masculino... Você escolheu um estilo de classe média, e não classe alta”, afirma, para complementar, em seguida, que, especificamente naquele dia, ela (Laerte) estava “excepcionalmente bem vestida” – e que, em outras ocasiões, a cartunista costumava estar mais para “tia”. Então pergunta: “Por que você gosta de ser tia?”. É nesse momento, aos 18’15, que Laerte esboça a expressão facial captada pela câmera na figura 14, acima. Essa é uma “máscara” conhecida como *sorriso social* – que é uma forma de dissimulação, como observa Freitas-Magalhães (2013) a partir dos estudos de Paul Ekman:

O exemplo dado por Paul Ekman é elucidativo: quando tentamos disfarçar a emoção tristeza com um sorriso, são activados os músculos opostos: o *zygomático major* (eleva os cantos da boca) e o *anguli oris* (baixa os cantos da boca). Tal descoberta de Paul Ekman é o resultado de investigações que levaram ao FACS. O poder do sorriso é bem evidente. E interessa, também, abordar os sorrisos falsos, na sua forma e no seu tempo. A exibição do sorriso é feita para agradar ao interlocutor. O seu objectivo é fazer passar uma emoção positiva através de um sorriso que é falso. Ekman descreve dois tipos de sorriso falso: a) a tentativa de imitar uma emoção positiva, mesmo não sentindo nada; b) a emoção que se vive é negativa, mas disfarça-se para fazer passar a imagem de vivência positiva (FREITAS-MAGALHÃES, 2013, p 55)

Os lábios são puxados com a intenção de formar um sorriso, mas não é um sorriso o que se apresenta no rosto de Laerte. A cartunista está séria, contraindo os lábios e levantando um pouco os cantos da boca. Não há, aparentemente, nenhum outro músculo acionado nesse momento. E trata-se de um movimento rápido. Um sorriso verdadeiro tem características diferentes, segundo Freitas-Magalhães (2013): “é consensual, na literatura, que um sorriso verdadeiro apenas é criado em combinação com os músculos *zygomatic major* [os músculos zigomáticos da boca que, contraídos, esboçam uma expressão de alegria] e a parte lateral do *orbicularis oculi* [que é o músculo orbicular do olho, que permite o fechamento das pálpebras]” (FREITAS-MAGALHÃES, 2013).

Laerte não executa, nesse instante, quaisquer grande movimento corporal que indique alguma intenção de se aproximar ou se distanciar da entrevistadora – ações que demarcam o estudo da proxêmica. Em alguns momentos em que a câmera abre o foco, é possível ver que Laerte está sentada, com as pernas cruzadas e as mãos fechadas apoiadas nas pernas (18’04).

Ela está apenas escutando a psicanalista, virada na direção de Anna Verônica e olhando diretamente para ela. É visível que a cartunista está mais tensa após a questão do *status* social do travestismo e do termo “tia”, mencionados pela psicanalista. O detalhe, aqui, é que quando a psicanalista questiona sobre o suposto gostar “de ser tia?”, Laerte, além de exibir a expressão mostrada na fotografia, vira o rosto (18’16), mas como a câmera se volta rapidamente para a psicanalista, não é possível acompanhar o movimento que se segue após esse gesto.

Curioso observar como as palavras utilizadas por Laerte durante esse diálogo denotam uma postura corajosa, desprovida de dissimulações. À indagação “por que essa figura da tia?”, a cartunista responde: “Não sei, é uma boa pergunta – pergunta de psicanalista mesmo”. Na sequência, sorri e diz: “É, eu teria que parar para pensar um pouco” e, logo depois, completa com um pensativo e quase inaudível: “Eu não consigo direito desenvolver isso agora”. É possível notar que são colocações sinceras, sem intenção de fugir à questão, propriamente. O corpo de Laerte, no entanto, faz o inverso, como se viu aqui: o rosto quer desenhar um sorriso que não chega, e o corpo se retesa, tenso durante todo esse diálogo.

Nesse ponto (19’09), Laerte é interrompida por Anna Verônica, que dispara: “Não é que você se *crossdressing* e aí ficou uma granfina, modelo, ou enfim...”. Laerte parece se sentir novamente à vontade com essa observação. Começa a falar sobre suas escolhas de roupas, observando que, há algum tempo atrás, teria usado roupas mais discretas ali, mas que, naquele momento de sua vida, experimentava um certo “desbundezinho” (no sentido de que estava se descobrindo, se permitindo certas ousadias, tentando “ser a mulher” que podia ser, uma “mulher possível ou uma falsa mulher possível”). Mas a psicanalista sobrepõe sua fala à de Laerte nesse momento e pergunta: “Mas você não é classe AAA?”. Laerte, que até então gesticulava as mãos, tentando elaborar sua resposta, muda sua postura corporal ao ser interrompida. Afasta o corpo, colando as costas no espaldar da cadeira e questiona: “O que seria classe AAA?” No rosto, a cartunista exibe, por alguns segundos, aquilo que os estudiosos chamam de macro expressão, evidenciada por algumas Unidades de Ação: a primeira é uma AU1 (que indica o levantamento da parte interna das sobrancelhas), seguida de uma AU4 (abaixamento das sobrancelhas, desta vez configurando movimentos ligados à tristeza e ao medo) e, depois, a AU9 (que é um enrugador de nariz) e a AU10 (que é o levantamento do lábio superior, acionados por músculos da face de forma a denotar emoções como cólera – ou raiva – e desprezo).

Esses movimentos indicam uma complexidade de sentimentos. O ato de franzir as sobrancelhas, por si só, está ligado à emoção *raiva*, mas, de forma isolada, pode significar mais. O movimento pode indicar, por exemplo, que alguém sente a raiva, mas tenta esconder. Ou que a pessoa está um pouco chateada – ou, ainda, que está apenas começando a experimentar a

raiva. Também pode traduzir o sentimento de alguém empenhado em se concentrar ou de um indivíduo que está simplesmente confuso (FREXEUS, 2007).

Parece claro que Anna utiliza o termo AAA para se referir a pessoas de classe alta, em especial porque esse é o argumento da psicanalista para articular a questão da vestimenta da cartunista à sua classe social. Laerte, nesse momento, solta-se um pouco e brinca: “No Brasil tem umas coisas assim, né... Eu sou classe média baixa, ou eu sou classe média média, ou sou classe média alta”. Enquanto fala, a cartunista utiliza as mãos ilustrar a gradação de cada classe dessas. Mas Anna Verônica retoma a palavra: “Você é de classe média alta, mas se veste como de classe média baixa”. Laerte, então, emite um riso rápido (e, nesse momento, não é possível traduzir sua expressão com exatidão). A cartunista vira a cadeira de lado – o que lhe permite, mesmo que de forma inconsciente, não permanecer de frente para a psicanalista. Laerte também ergue a mão direita, com a palma à mostra, como se estivesse ordenando a interrupção da fala da entrevistadora. Esse gesto é feito de maneira involuntária, mecânica – um aspecto que, segundo Frexeus (2007, p.90), é bom indicador “dos reais sentimentos de alguém pelo simples motivo de serem inconscientes”, ainda que, por vezes, sejam “difíceis de perceber, já que costumam aparecer em posições corporais inusitadas, se comparadas ao uso comum”.

Anna Verônica termina sua abordagem afirmando que tudo seria muito mais difícil para um cidadão comum, que não conta com o reconhecimento de seu trabalho no universo midiático. Laerte encontra-se, agora, com o rosto apoiado no dedo indicador. Por alguns segundos, fica em silêncio e, até o momento em que o mediador retoma a palavra, ela demonstra que não sabe o que responder. Naquele instante, emite uma frase que se inicia com um “não há como...”, mas que fica inaudível segundos depois.



Figura 15: Laerte, apresenta um repuxão no lábio esquerdo, forte indicador de desprezo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Permanecendo do tema da vestimenta, o roteirista e também cartunista Caco Galhardo, emite a sua impressão de que Laerte parece gostar mais de se vestir de mulher do que de desenhar quadrinhos. Laerte responde que hoje já se veste assim naturalmente. Caco pergunta se não é mais trabalhoso se vestir de mulher. “Dá muito mais trabalho, né, se vestir de mulher? Homem... você pega uma camiseta lá e tá pronto... Mulher você tem que...”. Neste momento, aos 30’42, Laerte interrompe o entrevistador e diz que ela também pode simplesmente pegar uma camiseta. É nesse momento que ela exhibe a expressão na fotografia acima. A feição pode ser definida como uma expressão de desprezo – a única emoção que se mostra de forma unilateral no rosto, e é marcada pelo elevamento de um dos cantos dos lábios, tensionamento da AU14. “Sentimos desprezo somente pelos outros e por suas atitudes”, esclarece Fexeus (2013). No caso exposto, tudo indica que não se trata de um desprezo ao entrevistador, mas ao pensamento de que vestir-se de mulher é necessariamente trabalhoso. Ao emitir um “eu pego uma camiseta também, uai”. Laerte exhibe uma macro expressão e faz um leve gesto negativo com a cabeça. Também abre os braços e produz um leve dar de ombros em uma mensagem clara: para ela, nada disso faz diferença. A feminilidade vivenciada por Laerte, segundo ela própria, está muito além das roupas que ela veste ou da maneira como se produz. Quando Caco insiste, observando que ela precisa “se montar”, Laerte é precisa: “Não, eu não fico maquiada em casa”. O detalhe aqui é que o tom de voz é levemente mais alto e mais agudo. Segundo

Magalhães (2010), sentimentos e intenções do ato verbal transparecem também nos timbres de voz:

A comunicação paralingüística consiste em mensagens não verbais que são transmitidas pelo próprio acto verbal, o que através da voz traduz muitas informações que são constatadas somente pelo timbre da mesma. Observe-se que se um indivíduo falar com um volume mais forte transmitindo uma voz sonora é usada por um emissor que pretenda dominar a conversação. No entanto, se for um timbre mais grave, pode significar ansiedade ou até mesmo raiva devido à tensão provocada nas cordas vocais (MAGALHÃES, 2010. p.30)

É o que Laerte faz ao erguer levemente a voz: domina a conversação e encerra esse tema específico, assegurando que, ao contrário do que se comentou ali, não vê, hoje, quaisquer dificuldades para experimentar o guarda-roupa feminino.



Figura 16: Laerte, apresenta mãos mexendo, compreensão dos lábios, engolida em seco.

Fonte: Elaboração pelo autor.

Na imagem acima, Laerte está novamente em um diálogo com a psicanalista. Nesse momento, Anna Verônica está dizendo a seguinte frase: “Ser mulher é muito mais complicado e eu olho para você e sei que é”. Minutos antes, a pauta da discussão se dava em torno da questão do uso do *banheiro* em lugares públicos. Minutos antes, o jornalista, escritor e ilustrador Álvaro de Moya havia feito menção a um episódio ocorrido no final de janeiro no ano de 2012, em São Paulo, quando Laerte, que se encontrava em um restaurante, usou o banheiro feminino e foi flagrado por uma cliente. O gerente do restaurante pediu que Laerte

usasse o banheiro masculino e a cartunista argumentou, naquela ocasião, que usava roupas femininas, estava maquiada e não se sentia à vontade para usar o banheiro masculino. “Eu sou uma pessoa transgênera e quero usar o banheiro feminino”⁹ – disse ela dias depois à imprensa, repetindo o argumento que utilizou no restaurante.

O tema reverberou na fala de outros entrevistados como Caco Galhardo, que viu, no argumento utilizado por Laerte, um engajamento político em uma questão que considera complexa. De acordo com a lei do estado de São Paulo 10.948/2001, proibir a uma pessoa homossexual, bissexual ou transgênero “o ingresso ou permanência em qualquer ambiente ou estabelecimento público ou privado, aberto ao público” é um ato passível de punição. Trata-se de uma das leis que marcam, em São Paulo, a luta contra a LGBTfobia. A pauta do uso dos banheiros por pessoas trans sempre foi um assunto delicado. Quando Caco menciona a ideia, já aventada no país, de se criar banheiros apenas para pessoas trans, Laerte chama a iniciativa de “segregação”, sob o argumento de que essa é uma forma de não reconhecer a existência de transexuais e travestis. É na sequência que Anna Verônica, ao argumentar que, no passado, a questão dos banheiros públicos já foi utilizada até para impedir que as mulheres tivessem uma vida social mais ativa, passou da questão dos banheiros para um outro assunto curioso: a depilação feminina, e a depilação de Laerte. O assunto emerge, assim a psicanalista assevera que “ser mulher é muito mais complicado”, sob o argumento de que, para atrair os homens, uma mulher não pode ser “peluda”. Na sequência, observa, dirigindo-se à entrevistada: “Você está completamente depilada”. Em seguida, observa que, para se depilar, é preciso algum dinheiro e tempo – e que, na sua avaliação, ser mulher, “do ponto de vista público, e mesmo do ponto de vista da atração sexual – de gerar atração sexual, de fazer charme – é bem mais complicado”.

É durante essa fala da psicanalista que Laerte apresenta a expressão da foto 16, aos 48’02. Interessante observar, ainda, que, aos 47’42, é possível ver como o rosto da cartunista possui um semblante sério, uma possível AU5 (que indica o erguer da pálpebra superior), agregada a uma AU17 (que indica um levantamento do queixo). Na AU17, de acordo com o FACS, “a pele do queixo é empurrada para cima, empurrando para cima o lábio inferior” (EKMAN, 2002). Além de denotar uma expressão negativa, esse movimento pode remeter ao asco. Além dessa manifestação, Laerte se mostra inquieta: mexe as mãos e, em determinado

⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/01/cartunista-que-se-veste-de-mulher-quer-usar-o-banheiro-feminino.html>
<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/laerte-heroina-trans-ou-homem-vestido-de-mulher/>

momento, é possível notar que ela roça os dedos, com as mãos juntas – o que, por sua vez, denota um gesto pacificador (quando o indivíduo tenta confortar a si próprio).

Laerte mantém-se encostada à cadeira até o momento em que a psicanalista decide encerrar esses comentários para anunciar que, na verdade, tem uma pergunta específica. Nesse momento Laerte faz um movimento firme de concordância, projetando o corpo para frente, sinalizando, com clareza, uma aprovação ao fato de que, finalmente, seria emitida, ali, uma pergunta objetiva. Mostra-se à disposição. Anna Verônica, então, traz à tona uma questão que, até ali, não guardava relação com os comentários anteriores. Indaga à Laerte: “monogamia ou poligamia?” Diante da indagação inusitada – em relação aos comentários imediatamente anteriores –, Laerte reflete e, em seguida, pergunta se aquela era uma pergunta sobre sua própria intimidade conjugal. A psicanalista diz que pergunta apenas do ponto de vista ideológico e a entrevistada responde, então, que é a favor da poligamia. Argumenta que há muitas dores e ressentimentos na monogamia – sentimentos que, embora pareçam estar no âmbito do afeto, são, muitas vezes, ocasionadas por questões de gênero ou de cunho econômico.

Embora firme e desenvolva no momento de articular seus argumentos, a cartunista demonstra, em alguma medida, o receio de ser julgada ali, pelos entrevistadores. A voz é estudada através da paralinguagem, levando-se em consideração a entonação, a velocidade, ritmo, pausas e outros.

Se estivermos nos sentindo envergonhados por precisar mentir, e não culpados, a voz será afetada do mesmo modo como acontece quando estamos tristes. Ficamos mais quietos, a voz diminui e a fala desacelera. Se isso for verdade, significa que, se você observar essas mudanças na voz de alguém e não houver motivo plausível para ele de repente ter ficado irritado ou triste, você pode considerar a possibilidade de que ele esteja mentindo. (FEXEUS, 2013. p.93)

A voz pode ser categorizada em qualidades primárias (como o timbre e o tom); b) modificadores, que compreendem os qualificadores (tipos de voz) e os diferenciadores (decorrentes do riso, do choro, do suspiro, etc.) e, por último, os alternantes (alterações resultantes de aspirações, pausas) (RIBEIRO, 2011). Laerte, nesse momento, exibiu uma relativa queda em seu timbre e velocidade. A fala está ligada às emoções também. Pessoas que são acometidas pela raiva, por exemplo, tendem a elevar o tom de voz. Outro exemplo está no sujeito que não sente confiança no que está dizendo – o que geralmente é indicado pela diminuição do som, como a entrevistada faz naqueles instantes.

4.3 Observando Laerte

São muitas as questões levantadas quando se pensa em ler um corpo durante uma entrevista. Para isso, devemos nos atentar para a maneira como cada assunto foi abordado por determinado interpelador, o que o tema em questão significa para quem entrevista e, principalmente, o que é interessante ou não, nesse processo, para a construção do perfil daquele personagem. Quem analisa a linguagem do corpo não precisa se deter apenas (ou totalmente) ao diálogo estabelecido – ou em cada movimento da pessoa observada. Devemos prestar atenção a momentos importantes, momentos em que percebemos uma mudança na forma de agir dessa pessoa. O corpo de Laerte é bastante rico de sentidos. A entrevista ao *Roda Viva* mostra, por exemplo, como a cartunista é vaidosa – sempre arranjando o cabelo e, ao mesmo tempo, assumindo, em vários momentos da própria entrevista, como o *cuidar de si*, o *gostar de si*, é importante no seu dia a dia. Em outros momentos, contudo, manifesta certa angústia – especialmente quando apresenta dificuldade para articular respostas (é quando mais aparecem os gestos negativos com a cabeça, como pode ser visto logo no começo da entrevista, aos 38s).

Como é possível observar, a entrevista, que se estende por 1h26min11s, aborda diversos temas importantes na vida de Laerte – tanto como cartunista, quanto como mulher *trans* –, além de questões polêmicas e delicadas, tais como aquelas relacionadas à utilização de banheiros públicos e sua relação com a LGBTfobia. A cartunista demonstra saber, desde o início, o tipo de conversa que a aguarda – mas, ainda assim, o corpo sinaliza os receios que se evidenciam ao longo dos diálogos travados. Logo no começo do vídeo, aos 37s, ao ser questionada pelo mediador sobre a maneira como os entrevistadores deveriam se dirigir a ela, Laerte responde que costuma dizer que tem “dupla cidadania” – e que se referia a si mesma às vezes no feminino, às vezes no masculino. A cartunista apresenta segurança na fala, mas, ao mesmo tempo, faz um gesto de negação com a cabeça. Pouco depois, aos 41 segundos, ela dá de ombros, manifestando sua incerteza em relação a quaisquer preferências sobre ser chamada de “senhor”, “senhora” ou “senhorita”. O mediador insiste, pergunta se ela não tem qualquer preferência. Laerte suspira e responde com um simples “nope”, novamente com um gesto negativo de cabeça (desta vez confirmando que não tem predileções a esse respeito). Pouco depois, aos 6min13s, quando o mediador pergunta: ‘Ô Laerte, você prefere as reações das pessoas aqui – eu, o Angeli, o Caco... Você prefere que a gente se comporte normalmente, fingindo que não está acontecendo nada? Ou que a gente fale “pô. Laerte, você tá diferente! O que que você prefere?”’, é possível observar que a cartunista tem a expressão séria, com os lábios contraídos. A resposta da entrevistada se inicia, então, com uma pergunta: “Mas, pois, é, o que tá acontecendo?”. Na sequência, Laerte passa a explicar como se surpreendeu (e como se surpreende) com a reação das pessoas à sua decisão de se apresentar como mulher.

As reações de Laerte, desde o início, evidenciam que movimentos e gestos dependem da maneira como avaliamos o que nos é passado pelas pessoas ao nosso redor. Se sentirmos que uma pessoa está agindo agressivamente conosco, assumimos uma postura defensiva, a fim de evitar o confronto – mesmo que de forma inconsciente. O corpo, quando tomado pela emoção, pode ser revelador por meio da postura, de micro ou macro expressões, pelo ritmo e pela forma da respiração, por atos como o engolir em seco e umedecer os lábios, entre outros. As posturas, por exemplo, demonstram a forma como o corpo se prepara para alguma situação esperada – caso dos gestos que denotam ansiedade, por exemplo. Ao corpo, unem-se outros elementos, como os agregadores¹⁰ e pausas longas no decorrer de uma conversa. Em grande medida, todos esses movimentos, todos esses detalhes podem ser ricos indicadores para a escolha da melhor forma de se abordar um entrevistado, no intuito de produzir uma conversa rica em informações e, ao mesmo tempo, sensível.

¹⁰ “Éeee”, “Iiii”, “Ahhh” são agregadores usados para ganhar tempo quando a fonte não sabe ou não quer falar sobre algo. Usado como artifício para se ganhar tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido com a intenção de contribuir para as reflexões e para o debate centrados na prática jornalística da entrevista. Não apenas a partir da abordagem que considera a fala, mas também dos elementos que dizem respeito à comunicação corporal. Por meio dos estudos comportamentais, foi possível acessar conteúdos de outros campos de conhecimento para melhor compreender a maneira como o corpo conversa, suas peculiaridades e, principalmente, a importância da atenção aos movimentos, posturas e expressões do outro na condução de uma entrevista.

A opção de utilizar uma entrevista televisionada para esse estudo resulta da grande possibilidade que o audiovisual oferece de apresentar maneiras de gesticulação, diferentes tons de voz, posturas e comportamentos dos sujeitos observados. Muitas vezes estão presentes, na prática da entrevista, elementos sutis, mas significativos, que o corpo oferece para o estudo da maneira como se dão certos diálogos – e os efeitos desse diálogo.

Assuntos polêmicos e delicados – tantas vezes objetos de pauta no meio jornalístico – costumam produzir, no corpo, respostas específicas, ainda que de forma involuntária. Esse aspecto contribuiu para a escolha da edição do *Roda Viva* que teve, como convidada, a cartunista Laerte Coutinho. Trata-se de um rico material disponibilizado pela TV Cultura e que, na ocasião em que foi levada ao ar, expôs muitos dos incômodos da entrevistada, mas também os efeitos – sobre a fala do outro – de certos posicionamentos e modos de falar daqueles que perguntam. É clara a diversidade de reações, muitas vezes singulares, conforme a intenção e postura dos entrevistadores. A análise evidencia os momentos de angústia e aflição de Laerte, mas também a maneira como a fala e o corpo da cartunista se agregam para firmar certos posicionamentos, crenças e valores. As palavras usadas, o posicionamento dos entrevistadores, tudo isso contribuiu para que a cartunista respondesse cada pergunta como respondeu.

Foi um trabalho minucioso de levantamento de dados tanto da história da personagem principal, de sua trajetória, quanto do campo da comunicação não verbal. O que foi apresentado é apenas uma parte do que pode ser observado – e de como certos elementos podem se tornar referenciais para melhor compreensão da comunicação não verbal (ou corporal), situada no campo dos estudos comportamentais, uma área complexa e ainda pouco estudada.

Algumas das informações levantadas requereram grande tempo e pesquisa aprofundada, principalmente considerando que esse tipo de análise deve ser feita com cautela.

Logo, esse estudo apresenta apenas uma ideia inicial de como a comunicação não verbal pode contribuir para a prática da entrevista.

Não existe uma fórmula perfeita para se analisar alguém, pois o comportamento humano é bastante intrincado. Analisar principalmente a face de alguém, por exemplo, é um exercício complexo e, hoje em dia, há até equipamentos próprios para isso em áreas que investigam aspectos comportamentais. Entretanto, certos elementos, no campo da observação, podem auxiliar um profissional da imprensa a conduzir uma entrevista de maneira mais aberta e atenta ao outro. Com base nessa observação, novas questões podem ser formuladas, novos gestos podem pacificar ou incrementar a discussão proposta a partir de um determinado tema.

Ao final desse trabalho, é possível perceber que a entrevista de Laerte evidencia certos aspectos que poderiam ter passado despercebidos caso a linguagem do corpo de das expressões não estivesse sob foco. No dia a dia, não costumamos nos preocupar em ler, no rosto de outras pessoas, aquilo que nem sempre as palavras enunciam. Por isso esse tipo de estudo pode nos ajudar a chegar a um determinado objetivo durante uma entrevista. Acredito, ainda, que essa área da comunicação não verbal merece atenção no campo de estudos do jornalismo, que esse debate deveria ser aprofundado no intuito de formar melhores profissionais, de forma entrevistadores mais sensíveis, que consigam enxergar para além das palavras.

Quando me deparei com a comunicação não verbal pensei que seria algo fácil de se analisar, algo simples. Mas nem sempre é. Muitas pessoas costumam esconder, ou tentar esconder, o que sentem ou pensam. E ainda que certas coisas se evidenciem no corpo, é preciso dominar algum conhecimento a respeito para compreender o que ocorre no momento da entrevista. São muitas as minúcias que devem ser levadas em conta – as próprias micro expressões não são fáceis de se perceber.

De maneira geral, a ideia que norteou esse trabalho estava centrada em um melhor entendimento da comunicação não verbal. Para isso, era preciso mostrar como ela se dá sob alguns aspectos. Levando em consideração que, de acordo com Mehrabian, cerca de 93% da nossa comunicação é não verbal (MEHRABIAN, 1971), será que realmente dominamos a arte de nos comunicar? Principalmente dentro do campo jornalístico? Entender mais sobre comunicação não verbal é importante para possibilitar maior conexão com as pessoas, para incrementar e, às vezes, até para evitar discussões desnecessárias. Tudo isso envolvendo o modo como se “lê” uma pessoa. Através da comunicação não verbal é possível até moldar melhor a nossa vida, nossa forma de conviver com o outro. Percebi, durante a análise, que nem sempre os profissionais se preocupam em realmente estabelecer uma escuta sensível, capaz de concretizar essa conexão com o entrevistado.

Como estudante e profissional, percebi que tenho que me ater cada vez mais a como o corpo de qualquer pessoa com quem eu dialogue tenta se comunicar. Principalmente no que se

refere à postura. Principalmente para entender se ele ou ela está ou não concordando e assimilando o que está sendo dito naquele momento. A relação com o gestual é muito importante para o estabelecimento de um bom diálogo. Cada vez mais, tende-se a acreditar mais naquilo que se vê do que naquilo que é dito.

REFERÊNCIAS

- ARÃO, Lilian A.. **A palavra questionada em entrevistas do programa roda viva: o ato de fala pergunta como instaurador de identidades**. Tese apresentada no Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.
- ARRUDA, Beatriz Bettencourt. **Emoções e perturbação emocional: Reconhecimento de expressões faciais**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa. Porto 2015.
- ÁVILA, Simone. **Transexualidade e movimento transgênero na perspectiva da diáspora QUEER. V congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH**, 2010. Natal.
- BRAGA, José Luiz. **Roda Viva – uma encenação da esfera pública. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006.
- CAES, Valdinei. **A importância da gestualidade na comunicação não-verbal**. Revista eletrônica dos Cursos de Administração e Ciências Contábeis da Faculdade Opet. Curitiba, nº 7, 2012.
- DARWIN, Charles [capítulo 1]. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. (Edição de bolso) São Paulo: Companhia das Letras. 2009.
- BENEVIDES, Bruna G. NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **DOSSIÊ: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. Associação Nacional De Travestis E Transexuais Do Brasil (ANTRA) Instituto Brasileiro Trans De Educação (IBTE). 2021.
- EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções: Revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor**. Editora Lua de Papel. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo, 2011.
- EKMAN, Paul. **Telling Lies: Clues to deceit in the marketplace, politics, and marriage**. W.W. Norton & Company, Inc. New York – London, 1992.
- EKMAN, P., FRIESEN, W. Hager, J. (2002). **Facial Action Coding System: A Technique for the Measurement of Facial Movement**. Consulting Psychologists Press, Palo Alto. (obra original publicada em 1978).
- EKMAN, Paul, & FRIESEN, Wallace V.. **Unmasking the face: A guide to recognizing emotions from facial clues**. Cambridge MA, Malor Books, 2003.
- FEXEUS, Henrik. **A arte de ler mentes**. Editora Best Seller, 9ª edição. Rio de Janeiro, 2018.
- FREITAS-MAGALHÃES, A. **A Psicologia das emoções: O fascínio do rosto humano (3ª ed)**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2011.

FREITAS-MAGALHÃES, A. **O código de Ekman: O cérebro, a face e a emoção.** Porto, Portugal: Universidade Fernando Pessoa. 2013.

GIBSON, James J. **The Senses Considered as Perceptual Systems.** Boston: Houghtan Mifflin Company, 1966.

J.F. Cohn, Z. Ambadar, and P. Ekman, Observer-based measurement of facial expression with the Facial Action Coding System. In J. A. Coan & J. J. B. Allen (Eds.), **The handbook of emotion elicitation and assessment.** Oxford University Press Series in Affective Science (pp. 203-221). New York, NY: Oxford University. 2007.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Editora Record, n. 12, 190 p. Rio de Janeiro, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor Ltda, 14ª edição. Rio de Janeiro, 1986.

MAGALHÃES, Carla Sofia Cerqueira. **Comunicação Sem Palavras.** 2010. 83f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em jornalismo, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2010.

MATOS, José Claudio Morelli. Instinto e razão na natureza humana, segundo Hume e Darwin. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 263-86, 2007.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível.** Editora Ática. São Paulo, 1995.

MEHRABIAN, Albert. **Silent Messages.** Wads Publishing Company, inc. Belmont, Califórnia. 1971.

MIGUEL, Fabiano Koich. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 1, p. 153-162. Abril, 2015.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão.** In: MOLES, Abraham A. et al. Linguagem da cultura de massa. Editora Vozes, p. 115-135. Petrópolis, 1973.

NAVARRO, J.; KARLINS, M. **What every body is saying: an ex-FBI agent's guide to speed-reading people.** New York: William Morrow, 2008.

PEREIRA, Fábio Henrique. A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos. Seminário Cultures nationales de l'interview médiatique, CELSA Paris-Sorbonne. **Estudos em jornalismo e Mídia**, Vol. 14 Nº 2, Julho a Dezembro de 2017.

RIBEIRO, Maria de Fátima Moura. **Comunicação não-verbal: A influência da indumentária e da gesticulação na credibilidade do comunicador.** Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação. Vila Real, 2011.

SILVA, FM. O Roda Viva e as estratégias de construção de um debate público. In: GOMES, IMM., Org. **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo [online]**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011, pp. 49-74.

TURCHET, Philippe. **La synergologie, pour comprendre son interlocuteur à travers sa gestuelle**. 1998.

WELL, Pierre & TOMPAKOW, Roland. **O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. Editora Vozes, 2015.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

Cartunista que se veste de mulher quer usar o banheiro feminino. Publicado em 30 de janeiro de 2012. Bom Dia Brasil. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/01/cartunista-que-se-veste-de-mulher-quer-usar-o-banheiro-feminino.html>>. Acesso em 3 de janeiro de 2020

COUTINHO, Laerte. **Transando com Laerte.** Plataforma Youtube, Canal Brasil. Atualizado em 5 de junho de 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLgQt5LQ22wjWVsR21q04Mz71k7roGzAe>> . Acesso em 21 de setembro de 2020.

Laerte-se. Brasil, 2017. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80142223>>101 min. Acesso em 18 de dezembro de 2019.

Laerte no Roda Viva. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j5hXQDThUiA>>. Acesso em 18 de dezembro de 2019.

ANDRADE, Paulo. **Laerte: heroína trans ou homem vestido de mulher?.** Jornal da USP. Publicado em 29 de junho de 2017. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/laerte-heroina-trans-ou-homem-vestido-de-mulher/>>. Acesso em 15 de janeiro de 2020.

LEI Nº 10.948, DE 05 DE NOVEMBRO DE 2001. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Atualizada até a Lei nº 15.082, de 10 de julho de 2013. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2001/lei-10948-05.11.2001.html>> . Acesso em 27 de janeiro de 2021.

Memória Roda Viva. Disponível em: <<http://www.rodaviva.fapesp.br/>>. Acesso em 2019.

Paul Ekman Group. Disponível em: <<https://www.paulekman.com/product/unmasking-the-face-photo-set/>> Acesso em 20 de janeiro de 2019.

SENNA, Sergio. Códigos da Ação Facial. **Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal.** Disponível em <<https://ibralc.com.br/codigos-da-acao-facial/>>. Acesso em 15 de janeiro de 2020.

Roda Viva. Plataforma YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/rodaviva/featured>>. Acesso em 20 de dezembro 2019.

Roda Viva. Site da TV Cultura. Disponível em: <<https://cultura.uol.com.br/programas/rodaviva/>>. Acesso em 19 de Maio de 2020.

Roda Viva (Programa de televisão). Wikipédia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Roda_Viva_\(programa_de_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roda_Viva_(programa_de_televis%C3%A3o))>. Acesso em 20 de maio de 2020.

ROSEN, Michael. **Quando e por que os humanos começaram a falar?.** BBC, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-48757500#:~:text=A%20real%20origem%20da%20linguagem,de%20anos%22%2C%20diz%20Tallerman>>. Acessado em 15 de fevereiro de 2021.

SANTOS, Vitor. **Scan – O garoto do Acre não sumiu? [parte2]**. Metaforando. Plataforma YouTube, 24 de abr. de 2017. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=-25vvs92-8w&ab_channel=Metaforando >. Acessado em 11 de dezembro de 2020.

SANTOS, Vitor. **Scan – Fátima Bernardes e Tatá Werneck**. Metaforando. Plataforma YouTube, 29 de dezembro de 2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=-25vvs92-8w&ab_channel=Metaforando >. Acessado em 11 de dezembro de 2020.

SANTOS, Vitor. **Tipos de Gestos em Linguagem Corporal (Metaforando)**. Metaforando. Plataforma YouTube, 16 de out. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eynhahgXpk8&t=8s>>. Acessado em 11 de dezembro de 2020.

SANTOS, Vitor. **Desvendando mentira 01 – Como ser um detector de mentiras?**. Metaforando. Plataforma YouTube, 8 de jul. de 2017. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=17Hk67q7Zh8&t=183s&ab_channel=Metaforando >. Acessado em 11 de dezembro de 2020.

SANTOS, Vitor. **O Que Sua FACE Revela? (Expressões Faciais)**. Metaforando. Plataforma YouTube, 20 de jul. de 2018. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Hy-dn5RKRP&t=466s&ab_channel=Metaforando >. Acessado em 23 de fevereiro de 2020.

TAMBORIM, Anderson. **Linguagem Corporal - Análise do Debate que Mudou o Mundo**. Anderson Tamborim. Plataforma YouTube. Publicado em 24 de junho de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=70IqMpROGDw>>. Acessado em 4 de novembro 2020.

TAPPER, Jake. **In debates, appearances matter: Kennedy v. Nixon**. CNN. Plataforma YouTube. Publicado em 25 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VpIuO3P68q4>>. Acessado em 04 de novembro de 2020.